O PODER DAS MASSAS

RAD

#0

O que é a RAD

ATIVISMO É POLÍTICA - é sobre todas as coisas e decisões que nos afetam e regem e determinam a nossa vida.

O pressuposto desta revista bimensal e o seu website é incentivar a participação política ativa das massas para o alcance de uma sociedade verdadeiramente democrática.

Queremos promover o ativismo, informando as massas (todos nós) para que tenham acesso aos conhecimentos necessários para construir uma perspetiva global e completa do contexto sociopolítico atual e poderem participar ativamente na sociedade.

Queremos eliminar a alienação do poder de decisão, o que significa que está cada vez mais longe das pessoas. Estas sentem-se cada vez mais insignificantes, menos capazes de efetuar mudança perante as instituições e o estado que se afirmam como entidades tão grandes e longínquas, desta forma posicionando-se quase acima da sociedade, em vez de a servir e serem compostas por ela.

Por isso prepara-te para entrevistas, reportagens, deep dives, quiçá um poema ou mesmo um cartoon. Tu também podes contribuir para a revista, de facto nós ENCORAJAMOS-TE A PARTICIPAR (percebes? participar. na revista. e NA SOCIEDADE. pronto.). Envia-nos os teus textos, fotos, ilustrações, vídeos, sei lá... envia o que quiseres e nós vamos sempre dar-te feedback e talvez incluir (devidamente creditado) a tua contribuição na revista. Podes enviar-nos através do nosso email revistarad@gmail.com ou na secção contactos do website.

Na RAD, apelamos à interseccionalidade, promovendo-se o estabelecimento de pontes entre os diferentes movimentos, dado que, como diz uma grande ativista de várias lutas, Angela Davis, os problemas são inseparáveis e interdependentes na sociedade, como ela diz "nada acontece isoladamente",

RAD vem da palavra Radical.

Temos como propósito analisar crítica e profundamente problemas societais. Somos Rad (radicais), exatamente porque queremos ir à raíz, ao fundo da questão, queremos ter uma perspetiva e um entendimento sistemático e estrutural destas problemáticas.

"Radical simply means grasping things at the root"
Angela Davis

"Radical significa simplesmente "agarrar/entender as coisas pela raíz"
Angela Davis

Nota das editoras

Podes ler esta revista pela ordem que quiseres - começar pelo fim, abrir a meio - está totalmente nas tuas mãos. No entanto, deixamos aqui a nossa recomendação, com uma breve explicação. Este texto foi concebido para ser lido de forma linear, ou seja, tem uma ordem específica e pensada. Para além disso, ele é cumulativo, isto é, conceitos vão sendo adicionados e expandidos, tendo sempre por base o que já foi apresentado anteriormente. Como tal, o texto é interligado de modo a proporcionar-te uma experiência guiada, servindo de fio condutor.
Tudo isto porque, enquanto pessoas, temos mais facilidade em percebermos algo se o conceptualizarmos enquanto uma "história", uma narrativa e não apenas factos ou ideias soltas.

Boa leitura!

revista

Número 00 : O Poder Das Massas

Concebida por
Susana Esteves
Mariana Pereira

Escrita por
Susana Esteves
Mariana Pereira

Fotografia
Susana Esteves
Mariana Pereira

Design gráfico
Susana Esteves
Mariana Pereira

rad.web.ua.pt

ÍNDICE

6 I. O que é o Ativismo

12 II. Por onde começar
Entrevista a Margarida Teixeira
Trabalho de base vs Grupos formais
Protagonismo no ativismo
Entrevista a Gonçalo Gomes
Análise Rad: o que é uma revolução

38 III. Manifestação de jovens trabalhadores
DAW
Conclusão

67 IV. Recomendações

I.

O que é o ativismo

Se nunca consideraste que serias um ativista porque não te vês como alguém a gritar ao megafone, ou porque não achas a ideia de te acorrentar a uma árvore prestes a ser cortada particularmente aliciante, não te preocupes porque para ser ativista, podes sê-lo de muitas outras formas.
Já agora, não estamos a ridicularizar estas ações - na RAD aconselhamos contra julgamentos precipitados, vamos sempre tentar perceber antes de construirmos uma opinião.

Querer ser ativista é querer saber a verdade e agir sobre ela com o propósito de tornar o mundo melhor para todos. Quando sabes a verdade, sentes a necessidade de espalhá-la, para que os outros saibam também e para que haja mudança efetiva.

> ***Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras; o que importa é modificá-lo.***
> *Karl Marx*

Isto remete a um conceito importantíssimo chamado mobilização. Basicamente, mobilização significa que sozinha ou sozinho não fazes nada, então tens que falar com outras pessoas, organizar-te com elas, e, em conjunto, tomarem ações para atingir um objetivo.

Mas ativismo é sobre mim também?
É possível que alguns de nós achem que política, ou economia, não tem a ver connosco, é algo que "acontece" no parlamento. Quando política e economia governam literalmente as nossas vidas. Pensa sobre isto, tudo o que nós fazemos é dirigido e constrangido pelas leis políticas e pelo

viviam no tempo da monarquia, também achavam que o sistema "tinha que ser assim", porque é a ordem natural das coisas, que não tinham outra hipótese, existe Rei e existe o Povo, agora um povo sem rei? "Nope, não é possível" - e sim, esta era a forma antiga de falar, de acordo com a pesquisa etimológica rigorosa que fizemos, seguindo os mais prestigiados livros e manuais de história que continuam a chamar "descobrimentos" a colonialismo (é espantoso como atualmente continuamos a glorificar e a normalizar imperialismo e colonialismo - quando é o nosso, claro). E nesse sistema monárquico, que não as servia, as pessoas não contemplavam uma esperança para uma mudança, porque o sistema garantia, ou tentava ao máximo garantir, que não haveria possibilidade de ser doutra maneira, visto que esmagava qualquer tentativa de o mudar. Até, claro, estas se terem organizado e derrubado o sistema monárquico com a revolução, implantando um novo sistema.

Resumindo, o mundo nem sempre foi assim, nem sempre será. E cabe a nós sermos responsáveis por esta última parte. Por garantir que nem sempre será. Não sucumbas a eventuais fatalismos, nem a ataques às tuas visões, apelidando-as de inatingíveis ou ingénuas, como muitos irão tentar categorizar. Tens os factos e todo um precedente histórico do teu lado.

Como diz, mais uma vez, Angela Davis, que não aceita que as coisas sejam varridas para debaixo do tapete:

"I am no longer accepting the things I cannot change.
I am changing the things I cannot accept."
Angela Davis

"Não aceito mais as coisas que não posso mudar.
Estou a mudar as coisas que não posso aceitar."
Angela Davis

Este sentimento de aversão a estes assuntos é normal e não é por acaso. A forma propositada e não inocente de como se abordam e falam destes assuntos, tentando fazer disto algo muito complicado para as "pessoas normais" perceberem, recorrendo a linguagem elitista, com um jargão (linguagem artificial usada por determinado grupo e que é incompreensível para as pessoas que não fazem parte desse grupo [priberam]) é exatamente para criar esta separação entre as pessoas "que percebem do assunto" (e são, por essa razão, as que "naturalmente são melhores pessoas para decidir") e as demais pessoas.

Para além disso, se as pessoas trabalham 8 horas por dia, 5 dias por semana, há falta de tempo verdadeiramente livre e também de energia para poder ter interesse, porque como vimos, há todo um período de recuperação e de trabalho doméstico. Há ainda falta de educação, falta de acesso à educação (também por motivos económicos). Para não falar de educação de qualidade.
Isto afeta toda a gente. Mas quão mais desprivilegiada ou oprimida uma pessoa é, mais é afetada por estes e outros fatores, que lhe rouba tempo e outros meios para terem acesso à informação. Por exemplo, uma mulher vai ter ainda menos tempo, porque é-lhe delegada a esmagadora maioria do trabalho doméstico.

Por tudo isto e muito mais, as decisões políticas e económicas não são algo estranho a ti, és tu que vais viver com a realidade criada por elas, são elas que ditam, por exemplo, quantas horas vais trabalhar, como vais trabalhar, quanto vais receber, que decisões podes fazer no teu trabalho. O que acontece ao que produzes, quer sejam produtos ou serviços? Usamos isto como exemplo agora, mas vamos elaborar esta parte mais à frente na revista.

Enfim, como nos organizamos socialmente, politicamente, e economicamente diz respeito a todos nós. É necessário, como tal, ganharmos consciência, percebermos como a sociedade está organizada agora, neste momento atual, todos os mecanismos e estruturas que a compõem. É necessário perceber que nem sempre foi assim, que já foi de muitas outras formas diferentes e que pode vir a ser de muitas outras. Tomamos muito o mundo que temos agora como natural, que as coisas são "assim" porque "sempre" foram assim e irão "sempre" ser assim, mas isso é mentira. Algumas pessoas que viviam no

viviam no tempo da monarquia, também achavam que o sistema "tinha que ser assim", porque é a ordem natural das coisas, que não tinham outra hipótese, existe Rei e existe o Povo, agora um povo sem rei? "Nope, não é possível" - e sim, esta era a forma antiga de falar, de acordo com a pesquisa etimológica rigorosa que fizemos, seguindo os mais prestigiados livros e manuais de história que continuam a chamar "descobrimentos" a colonialismo (é espantoso como atualmente continuamos a glorificar e a normalizar imperialismo e colonialismo - quando é o nosso, claro). E nesse sistema monárquico, que não as servia, as pessoas não contemplavam uma esperança para uma mudança, porque o sistema garantia, ou tentava ao máximo garantir, que não haveria possibilidade de ser doutra maneira, visto que esmagava qualquer tentativa de o mudar. Até, claro, estas se terem organizado e derrubado o sistema monárquico com a revolução, implantando um novo sistema.

Resumindo, o mundo nem sempre foi assim, nem sempre será. E cabe a nós sermos responsáveis por esta última parte. Por garantir que nem sempre será. Não sucumbas a eventuais fatalismos, nem a ataques às tuas visões, apelidando-as de inatingíveis ou ingénuas, como muitos irão tentar categorizar. Tens os factos e todo um precedente histórico do teu lado.

Como diz, mais uma vez, Angela Davis, que não aceita que as coisas sejam varridas para debaixo do tapete:

"I am no longer accepting the things I cannot change.
I am changing the things I cannot accept."
Angela Davis

"Não aceito mais as coisas que não posso mudar.
Estou a mudar as coisas que não posso aceitar."
Angela Davis

Este vai ser um espaço de confronto. Confronto com a realidade, com conceitos e preconceitos.
Por isso, habitua-te a termos muito chocantes como: **democracia** (é verdade, por mais estranho que possa parecer, deparamo-nos com muita resistência a este conceito, quando ele se aplica verdadeiramente - "*ui, mas as pessoas podem decidir mal*", porque quando são só algumas, ou mesmo só uma, nunca decidem mal, não é verdade?), **ativismo** (este já percebeste, esperamos nós), **radical** (isto somos nós e talvez tu?), **revolução** (se pusermos "dos cravos" já passa bem, ninguém se importa), **revolta** (baixinho para eles não ouvirem), **massas** (tremam perante o poder do glúten).

II.

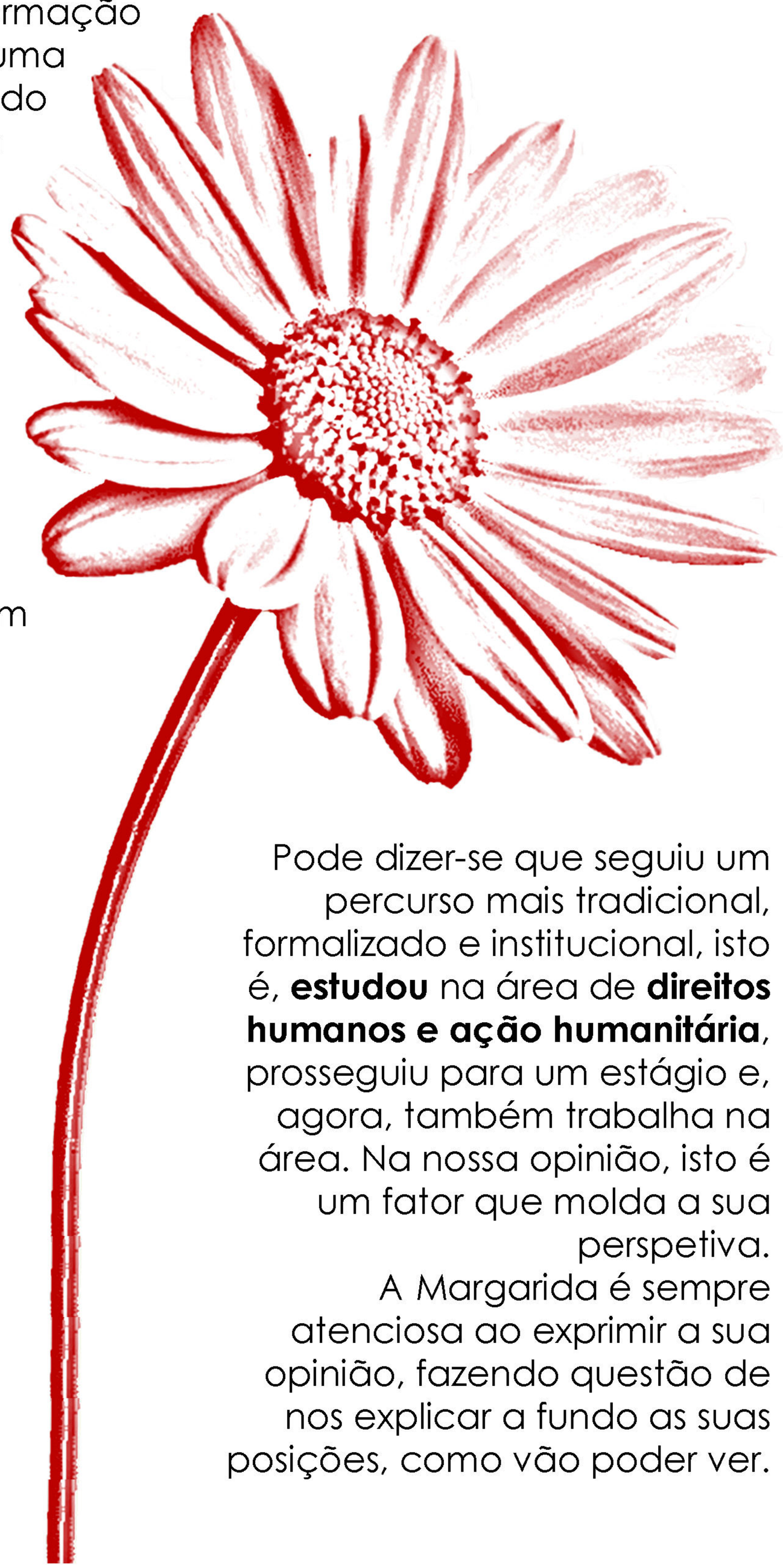
Por onde começar

Usualmente, ativismo pode ser entendido como : militância, ou ação continuada, com vista a uma mudança social ou política, privilegiando a ação direta, através de meios pacíficos ou violentos, que incluem tanto a defesa, propagação e manifestação pública de ideias até a afronta aberta à Lei. ***- a nossa mais que tudo, wikipédia.***

Existem várias formas de fazer ativismo. Se sentes que não sabes por onde começar, é normal. Vai depender muito dos teus objetivos e qual é a tua perspectiva do que é fazer mudança. Talvez as entrevistas que se seguem te possam esclarecer melhor quanto a isso.

Entrevista

Conhecemos a Margarida Teixeira já há algum tempo. O nosso primeiro contacto foi na formação **EXIT** em Setúbal em 2019, uma campanha pela abolição do sistema da prostituição em Portugal e pela implementação do modelo da igualdade ou modelo nórdico.
A Margarida coordenou esta ação enquanto técnica de projetos da **Plataforma Portuguesa pelos Direitos das Mulheres**. Mais tarde, participámos com ela, e em conjunto com outras mulheres, na criação e desenvolvimento de um coletivo feminista contra a mercantilização dos corpos das mulheres. Desde aí, temos mantido uma relação cordial de mútuo apoio.
A Margarida tem bastante experiência na área do ativismo, quer na vertente pessoal, quer na vertente profissional. Ela integra alguns grupos formais e informais ativistas feministas em Portugal e a nível Europeu.



Pode dizer-se que seguiu um percurso mais tradicional, formalizado e institucional, isto é, **estudou** na área de **direitos humanos e ação humanitária**, prosseguiu para um estágio e, agora, também trabalha na área. Na nossa opinião, isto é um fator que molda a sua perspetiva.
A Margarida é sempre atenciosa ao exprimir a sua opinião, fazendo questão de nos explicar a fundo as suas posições, como vão poder ver.

A ***Plataforma Portuguesa pelos Direitos das Mulheres*** realiza por todo o país, várias formações EXIT pela abolição do sistema da prostituição. Estas têm, normalmente, a duração de um fim de semana. Para além disso, são assegurados os custos, tanto do transporte como da alimentação. É uma excelente oportunidade para conhecer pessoas que já realizaram mudanças significativas (incluindo legislativas) noutros países, relativas à abolição do sistema da prostituição e outros jovens com os quais te podes organizar. Tendo já participado, recomendamos imenso que também o façam. Para tal, basta visitarem o site ***https://exitprostitution.org/*** e verem quando será a próxima ação.

Podes começar por fazer uma breve apresentação.
Então, o meu nome é Margarida e faço parte de grupos ativistas feministas informais em Portugal e a nível europeu. Os grupos nos quais escolho participar são horizontais, por isso não existem propriamente "posições" - cada mulher contribui como pode, e o trabalho é coletivo. Faço também parte da direção de uma associação de jovens. Nessa estrutura, porque é formalizada, já existe uma dinâmica diferente. Mas de qualquer forma tentamos que seja o menos hierarquizada possível, apesar de haver um grupo de pessoas - a direção - responsável pela tomada de decisões no dia a dia.

Para além disso, trabalho na área de comunicação para organizações da sociedade civil. Por isso, para além de ter experiência no ativismo formal e informal, faz também parte da minha experiência de trabalho.

Isto significa que acabo por desempenhar funções muito diferentes e tenho de modificar o meu discurso e a minha abordagem. É diferente ser uma ativista num coletivo informal ou estar integrada numa organização ou ser a cada contexto, e isto permite-me analisar a complexidade do ativismo através de várias perspetivas.

Pois, é muito interessante o teu percurso ser já extenso no mundo do ativismo e já teres desempenhado vários papéis nele. Iremos voltar a esse aspeto mais adiante. Mas agora gostávamos que nos falasses de como entraste no mundo do ativismo? Qual foi o teu primeiro contacto com algo relacionado com ativismo?
Então, eu na verdade comecei a interessar-me por questões ligadas ao feminismo e à mercantilização dos corpos das mulheres na publicidade quando era adolescente. Mas depois desliguei-me um bocado, em parte porque muito do feminismo que via tinha uma vertente liberal muito marcada - do género

"todas as escolhas das mulheres são feministas desde que sejam escolhas" - e na altura eu não tinha acesso a informação para discordar disso, mas não era o tipo de mensagem que fizesse sentido na minha vida e, de qualquer forma, não conhecia grupos feministas com os quais pudesse colaborar e fazer algo concreto. Comecei a interessar-me outra vez pelo ativismo já na universidade, quando houve a crise dos refugiados. Aí senti que podia contribuir com algo concreto e acabei por ir para um mestrado de direitos humanos e ação humanitária, com a intenção de trabalhar nessa área. Mas depois estagiei com a Rede Europeia para as Mulheres Migrantes, e foi essa a primeira grande escola feminista, onde pela primeira vez tive contacto com os grande debates do feminismo atual. Mais tarde, fui técnica de projetos na Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres, e foi aí que aprendi sobre o ativismo feminista a nível nacional e internacional e os fóruns de direitos humanos das mulheres e das raparigas. Ao mesmo tempo, senti a necessidade de me envolver a nível mais pessoal - até agora, o ativismo tinha sido praticamente uma obrigação profissional, e isso tem as suas limitações. E aí descobri um coletivo informal com valores e abordagens feministas únicas e nas quais eu me revia, então acabei por me juntar. Isso fez toda a diferença, porque uma coisa é trabalhar - literalmente - para uma organização ativista; outra coisa é investir na auto-organização e mobilização de outras mulheres, de forma horizontal. São duas funções importantes, mas distintas. E ambas me ensinaram a importância do trabalho coletivo.

O ativismo hoje em dia é muito apresentado como algo liderado por protagonistas. Mas na verdade, é sempre um trabalho feito a várias mãos. E é preciso aprender a trabalhar em conjunto, o que nem sempre é fácil, porque ***não temos uma cultura democrática de debate, estamos habituadas a hierarquias - especialmente as mulheres, que acabam muitas vezes por se conformar ao silêncio.***

Falaste no início e voltaste agora a mencionar o conceito de horizontalidade, qual tem sido a tua experiência com esse modelo organizacional? (Também se puderes explicar,

"é sempre um **trabalho** feito a várias mãos"

-Margarida

muito brevemente, no que consiste para quem possa não estar familiarizado).
O modelo horizontal de organização basicamente significa que não existem hierarquias definidas dentro da organização/coletivo, que as decisões são tomadas por todas, e que no fundo o poder é partilhado. Por isso, as decisões e posições são debatidas por todas e o contributo de cada uma tem o mesmo valor. O que pode ser diferente é o envolvimento de cada uma - há quem dedique muito tempo e vá a todas as reuniões e quem não o possa ou o não queira fazer. Este modelo de organização normalmente não é adotado por organizações formalizadas (tais como associações) onde tudo tem de estar muito bem documentado e onde normalmente uma direção, ou seja, um grupo de membros eleitas, é considerada a liderança da organização.

E como tem sido a tua experiência com este tipo de modelo? Quais aspetos positivos e que desafios destacas?
Bem, num coletivo informal há mais liberdade, mas também há falta de acesso a determinados fóruns e, claro,

não podem candidatar-se a receber financiamento público, porque no fundo não está registado, não há pessoas designadas responsáveis, etc. Também o processo de tomada de decisão é diferente, porque tem de ser muito mais participativo. Numa associação, há um sentido de responsabilidade e de prestação de contas (literalmente e não só) diferente, e os discursos e abordagens também têm que ser adaptados, o que pode limitar em certos aspectos, mas nem sempre. Eu diria que os coletivos informais e horizontais são uma boa escola para jovens ativistas, mas se quiserem influenciar políticas públicas e etc. têm que se formalizar através de uma associação, por exemplo, e têm de estar preparados para não serem mais um membro anónimo de um coletivo, mas representante de uma associação que tem responsabilidades para com os seus sócios.

Muitos jovens ativistas envolvidos em coletivos informais pensam que basta uma manifestação ou mobilização nas redes sociais, mas na verdade estão excluídas de fóruns de consulta da sociedade civil e por isso a sua voz não é efetivamente ouvida pelos decisores políticos. Por outro lado, os coletivos são necessários para a existência de movimentos sociais que não são institucionais, e a mobilização que fazem é importante. Só que são duas realidades diferentes e que, em Portugal, muitas vezes desligadas uma da outra.

Estava a pensar como é uma perda imensa as associações formalizadas e os coletivos informais não terem uma relação forte em Portugal (exceto quando estão ligados a partidos). Por exemplo, a maioria das jovens não quer, em geral, ligar-se formalmente a uma associação, muitas vezes nem percebem bem o objetivo disso, mas podem envolver-se num coletivo. Só que depois o coletivo, por muito talento que tenha para mobilizar para ações públicas, não tem conhecimento sobre como influenciar, de facto, políticas públicas. Principalmente se falarmos a nível internacional, de direitos humanos e fóruns nas Nações Unidas, etc. Organizações formais têm, mas normalmente não têm parcerias com coletivos para partilhar informação. Muitas delas são também lideradas por pessoas

mais velhas. O que significa que temos um monte de jovens com vontade de fazer ativismo eficaz, mas sem saber como; e muitas ativistas experientes que não conseguem transmitir esse conhecimento a uma geração mais nova.

De facto, existe essa lacuna. Que possível alternativa vês para este cenário?
Que as organizações formais entendam que a informalidade dos coletivos, especialmente quando se trata de jovens, não é um aspecto negativo, que muitas vezes são os grupos na linha da frente quando se trata de mobilização de pessoas para ações públicas tais como manifestações, e o que o seu trabalho deve ser valorizado. E que consigam perceber que são grupos autónomos mas que, de qualquer forma, podem beneficiar de parcerias e de troca de informação. E que as organizações que têm conhecimentos avançados sobre direitos humanos devem encorajar a formação de ativistas, formais ou informais, sobre estas questões. Muitas vezes, ter acesso a esta informação é quase uma questão de privilégio - eu sinto que é praticamente preciso ter um Mestrado em Direitos Humanos para perceber metade destas coisas, e isso é desigualdade brutal. Por isso, quem tem acesso a esse conhecimento e formação deve partilhá-lo e não centralizar a sua ação. Claro que temos de ter em conta que isto depende também da confiança entre as pessoas que fazem parte destas organizações e coletivos, e da forma como trabalham (não há confiança se não houver ética, transparência, etc.

Nesta entrevista foram abordados alguns temas e conceitos importantes sobre os quais gostaríamos de nos debruçar um pouco. Estes foram: Trabalho (Ativismo) de Base vs Grupos Formais e Protagonismo no ativismo.

Trabalho de Base VS Grupos Formais

A Margarida destacou já algumas características fundamentais e distintas entre grupos formais e informais, relacionadas sobretudo com a sua organização e modo de funcionamento. Vamos agora expandir sobre o resto, de modo a decidires qual faz mais sentido para ti.

Vamos partir do início, para fazermos ativismo de bases, temos de fazer parte da base, estarmos inseridas nela. A base é constituída por pessoas de um mesmo grupo. Por exemplo, se não estiveres num ambiente académico ou escolar, não vais organizar a base estudantil. O tipo de trabalho, os objetivos concretos e mesmo as estratégias de abordagens deste tipo de ativismo também se diferencia daquele realizado por ONG's, por exemplo. Muitas das vezes estas focam-se num tipo de trabalho de assistencialismo, ou seja, responder às necessidades que vão surgindo no dia a dia, prestam apoio imediato. Prestar apoio imediato, apesar de ser necessário, não muda fundamentalmente o problema.
Tomemos o exemplo da luta pelos direitos dos animais: um abrigo de animais, por mais extremamente necessário que seja, não vai mudar fundamentalmente na sociedade o abandono e maus tratos dos animais. Ele serve um papel de ajudar as vítimas, mas não previne que hajam mais vítimas. Daí ser necessário o ativismo.

Deixamos uma citação de um excelente artigo do blogue Feminismo com Classe (este classe significa classe social e não "classe" a nível de chique), que recomendamos em absoluto, onde a Aline (autora) explica sucintamente a diferença entre ambos.

https://medium.com/qg-feminista/trabalho-de-base-ativismo-e-assistencialismo-4fe4164be726

"O assistencialismo visa responder uma necessidade imediata. Ele é pontual, acontece no agora, por isso não é capaz de alterar o próprio paradigma da situação. Já o trabalho de base visa a construção, a longo termo, de uma estrutura popular robusta, consequente e capaz de continuar por suas próprias pernas, pois entende que apenas fortalecendo a capacidade de organização das bases é que a transformação social é possível. Isto é, a luta é coletiva e de massas.

Pode ser muito difícil fazer trabalho político, pensando no longo prazo, quando a sua base está morrendo de fome hoje. Então, alguma assistência pode ser necessária no sentido de criar condições para que a pessoa consiga dar o passo seguinte, que é se engajar no movimento e na luta. Contudo, resumir as ações de um grupo à assistência é tirar dele o horizonte de construção e transformação social."

Aline Rossi

As organizações também podem desenvolver ações mais relacionadas com a raíz (a causa destes problemas) através, principalmente, de ações de conscientização. Outro tipo de estratégias passa por fazer lobby político, vamos então tentar desvendar do que se trata este conceito misterioso "lobby político". Fazer lobby pode ser conscientizar elementos de partidos políticos e apresentar propostas para a passagem de legislação; realizar declarações públicas para comunicação social, enquanto organizações com autoridade na matéria, de modo a criar uma pressão da opinião pública para que esse tema entre na agenda política; criarem relações de interesse com decisores (é doloroso para nós utilizarmos esta linguagem, porém é a realidade atual) para que em momentos de decisão ou discussão sobre determinado tema (com vista a tomar-se uma decisão, normalmente a passagem de legislação) serem chamadas para a mesa, serem ouvidas as suas

O que queremos dizer com isto?
As organizações legitimizam, desta forma, a alienação do poder, por a aceitarem e trabalharem com ela. Muitas vezes, investem mais em falar para os políticos ou investidores do que concretamente para as pessoas. E isto é mais uma prova de como o nosso sistema funciona. Só quando há envolvido capital e interesse político, que por sua vez representa o interesse do capital, é que realmente há possibilidades de ter meios e recursos para fazer coisas. Não somos nós que temos poder de decisão do que fazer com os meios e recursos que temos à nossa volta. O maior obstáculo ao ativismo é o próprio sistema. Qualquer luta tem por base certas necessidades que não estão a ser respondidas. No sistema capitalista, a base é o lucro e não as necessidades humanas. Isto tem como consequência as organizações serem servis do capital, porque a sua prática é constrangida pelos interesses de quem as financia, sendo que também as pessoas que tentam influenciar (políticos) são eles próprios guiados pelos seus próprios ganhos pessoais e interesses financeiros. E mesmo aqueles que querem fazer algo melhor, simplesmente pintam uma parede podre com tinta bonita, uma vez que não conseguem, ou podem, mudar fundamentalmente o sistema, acabando por haver sempre uma conciliação de interesses. Não devia haver uma conciliação, porque só um dos conjuntos de interesses é que é válido - o das necessidades das pessoas e não o da obtenção de lucro. No capitalismo, tudo é subordinado ao capital. No capitalismo, não são as necessidades humanas que guiam as decisões, mas sim a obtenção de lucro. O estado e o aparato político são pilares deste sistema, tentam conciliar esta contradição inerente para que o sistema se mantenha. Tentam minimizar os impactos, de modo a evitar descontentamento tal, que poderia levar a um rompimento com o sistema. Fazendo isto, tornam este sistema mais "tolerável". Voltaremos a este ponto mais tarde.
Concluindo, mudança não é atingida desta maneira, apenas reforma. A nossa posição é a de que, não nos devemos contentar com algo "menos mau", devemos lutar e procurar construir algo novo, algo, de facto, bom.

"The master's tools will never dismantle the master's house"
//
"As ferramentas do mestre nunca desmontarão a casa do mestre"
Audre Lorde

Protagonismo no ativismo

A Margarida também criticou o protagonismo no ativismo. O nosso argumento vai ser de que esta é uma visão muito individualista do ativismo e da humanidade, levando a uma perda do sentido coletivo de libertação. Isto acontece quando existe idolatração de certas figuras, postas em pedestais, como se a luta se resumisse a "este herói / esta heroína que salvou tudo".

Existiram sempre pessoas que assumiram um papel de liderança por serem eloquentes, carismáticas e terem um grande poder influenciador. No entanto, rejeitamos que este seja um papel mais valorizado e que ofusque quem realmente faz o trabalho - as massas.

Isto é também fruto da cultura de celebridades (celebrity culture) em que vivemos que promove o individualismo, idolatração e, em última instância, desumanização de indivíduos. Isto está profundamente ligado ao conceito de "sucesso" individual, de popularidade e de aspiração a esse sucesso. Podemos, ainda, conectar estes valores do individualismo e competição ao atual sistema económico capitalista.

Por vivermos neste sistema e nestas condições, não somos imunes a reproduzir (perpetuar) estas coisas, mesmo de forma inconsciente. Por isso, é de extrema importância uma reflexão crítica constante (crítica e autocrítica) sobre os próprios movimentos ativistas para não cairmos nestas dinâmicas de idolatração, por exemplo, de figuras de líder. Até porque isso é meio caminho andado para uma situação de desequilíbrio de poder, e em caso extremo, autoritarismo ou fé cega.

Todos nós já fizemos isto em certo grau, por exemplo, associarmos mudanças ou ganhos sociais a esforços individuais, ou focarmo-nos nas escolhas pessoais de lifestyle (estilo de vida) destes líderes - da mesma maneira que seguiríamos uma celebridade.

O papel das redes sociais nisto não pode ser esquecido.

(original)
"Social media has severely exacerbated this situation, often dissolving the separation between people's actions and analysis, and their personalities and style, and in this way, we can easily lose our clarity of what we are responding to that a person is offering. When the main outcome we are looking for in our leaders is the same entertainment, inspiration, and endorphin rush we find by following mainstream celebrities and their lives, but in a "social justice" context, we are limiting everyone involved while increasing avenues for potential harm. And while I support leadership that is accountable and structured according to collective need, I question if and how successfully our current leadership culture fosters this, when we are more readily willing to follow someone based on their charisma, rather than their relationship to the movement and critical analysis. "

(traduzido)
"As redes sociais exacerbaram gravemente esta situação, dissolvendo frequentemente a separação entre as acções das pessoas e as análises que estas fazem, e as suas personalidades e estilo, e desta forma, podemos facilmente perder clareza em relação ao que é que estamos a responder e o que a pessoa demonstra. Quando o principal resultado que procuramos nos nossos líderes é o mesmo entretenimento, inspiração e onda de endorfinas que encontramos ao seguir as celebridades tradicionais e as suas vidas, mas num contexto de "justiça social", estamos a limitar todos os envolvidos, ao mesmo tempo que aumentamos as possibilidades de danos potenciais. E embora eu apoie uma liderança que seja responsável e estruturada de acordo com a necessidade colectiva, questiono-me se e até que ponto a nossa atual cultura de liderança promove isto, quando estamos mais dispostos a seguir alguém com base no seu carisma, do que na sua relação com o movimento e análise crítica."

Aiko Fukuchi,
Dinâmicas do
Ativismo de
Celebridades:
como idolatrar os
líderes de
movimentos
exacerba o burnout
sistémico e impede
o trabalho para a
libertação coletiva

Entrevista

O Gonçalo Gomes é uma figura importante na luta no Porto, quer na luta pela habitação, quer pelos direitos dos trabalhadores. O Porto, devido ao *boom* turístico, e em seu serviço, tem vindo a sofrer cada vez mais com o fenómeno da gentrificação, ou seja, de mercantilização da cidade - "assiste-se ao aumento abrupto do valor da habitação; a despejos em massa e pressão sobre moradores; e ao encerramento de estabelecimentos e espaços associativos."
Isto "contribui para a perda de identidade portuense", "destrói a cidade e alimenta a especulação", e "resulta em desigualdades e segregação socioespacial" (https://journals.openedition.org/cadernosaa/3201).
Esta problemática, impacta a vida do Gonçalo de uma forma muito real e direta. É difícil para o Gonçalo encontrar casa agora no Porto. Para além disso, ele foi afetado diretamente com o negócio turístico do Porto, cada vez mais poderoso.
A luta e o trabalho ativista dele surgem das condições materiais da sua realidade. Ele faz realmente aquilo que chamamos de trabalho de base, ele depara-se com problemas e organiza-se com as pessoas que vivem com esses mesmos problemas e luta por mudança. Por tudo isto consideramos a sua contribuição e visão muito valiosas.
O Gonçalo participou no GAH, Grupo de Apoio à Habitação, criado no Porto devido à situação de despejos dos moradores das suas casas. Ademais, não só foi uma figura importante na luta contra a exploração que sofria no seu trabalho, como também é um grande impulsionador da luta dos trabalhadores em geral. Ajuda-os efetivamente a organizarem-se e a realizarem ações concretas, elevando a sua consciência, preparando terreno para mudanças radicais na sociedade.

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender "
Paulo Freire

Não é possível "transferirmos" conhecimento da situação dos trabalhadores aos trabalhadores. Temos sim que criar circunstâncias que lhes permitam essa perceção, porque eles já a vivem e é através da luta que também vão cada vez mais se apercebendo - através, também, dos obstáculos que encontram, quando tentam fazer algo para melhorar a sua condição.

Ao partilharmos com outros que partilham a mesma realidade, aprofundamos o nosso conhecimento em conjunto.

Uma das melhores formas de aprender é ensinar, porque é aí que vemos os limites do nosso conhecimento e é aí que temos maior necessidade de o sustentar, para conseguirmos fazer com que a outra pessoa entenda.

"Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem"

Rosa Luxemburgo.

Podes começar por fazer uma breve apresentação. Podes também falar do que é, para ti, ativismo.

Cresci entre duas aldeias de Castelo de Paiva - Pedorido e Oliveira do Arda. As duas ficam junto ao rio Douro e à Serra de São Domingos. Na zona de Couto Mineiro do Pejão.

A minha família descende da atividade mineira do local. Com 19-20 anos (agora tenho 33), vim trabalhar e viver para o Porto-Ribeira, em Turismo, como estagiário e, depois, a contrato nos barcos de turismo do rio Douro. Vendi bilhetes nos cais, abasteci barcos com mantimentos, fiz trabalho de escritório, acompanhamento de grupos, de marinheiro, maquinista e mestre.

Em seguida, fui para a jardinagem, depois para uma associação de solidariedade social e agora estou nas brigadas de intervenção rápida Covid-19.

Como cresci num centro social, o Centro Social do Couto Mineiro do Pejão, aprendi desde cedo o valor da convivência e trabalho de equipa.

Ao longo da vida mantive estes pilares, a jogar em clubes desportivos populares, em associações de jovens a fazer atividades populares, a apoiar a realização de festivais de música, na luta por trabalho e habitação.

Daí que eu não sou activista. Sou um assalariado e arrendatário numa metrópole europeia, que luta por habitação e trabalho. Ao lutar por estas necessidades de vida encontrei mais pessoas na mesma condição, que originou a uma natural união por objectivos comuns.

Disseste que lutas por "habitação e trabalho", como é que começaste nessas lutas?

A partir do momento em que cheguei ao Porto e tive um contrato de trabalho, arrendei habitação (quarto, apartamento, pensão), a luta começou. Com períodos ora mais estáveis, ora instáveis, ou mesmo caóticos.

Esta relação vital entre salário e renda faz com que estejamos em luta constante. Sem, ou com, dificuldades de habitação torna-se muito difícil arranjar ou suportar um trabalho, sem trabalho torna-se muito difícil arranjar ou suportar um tecto. Estarmos sujeitos a este regime de vida é estar em luta constante. Em 12 anos no

GAH Grupo de Apoio à Habitação

O GAH é:

- Um grupo de apoio a situções de emergência na habitação;

- Independente de partidos, associações, ONG ou outros tipos de organizações políticas;

- Um espaço aberto, onde todas expõem os seus problemas e participam na procura de soluções.

O GAH NÃO é:

- Um gabinete de advogados;
- Um gabinete da Câmara Municipal;
- Um grupo assistencialista;
- Um gabinete da Segurança Social.

O GAH reúne todas as quintas-feiras das 20h30 às 22h30 no C.S.A. A Gralha – Travessa Anselmo Braamcamp, 74, Porto

Acessibilidade:

- metro: Campo 24 de Agosto
- autocarros: 300, 305, 401

Contactos: 927359021
grupodeapoioahabitacao@gmail.com

Porto troquei várias vezes de trabalho e muitas de habitação, por várias zonas da cidade, legais e clandestinas*. No trabalho, a instabilidade da actividade turística dava contratos sazonais, na habitação o preço disparou na zona histórica da cidade o que nos leva a ter que pôr malas às costas e ir para uma zona mais barata da cidade. Salve-se quem puder.

Candidatamo-nos a programas de habitação estatais ou municipais e é um caos de burocracia e espera, sem garantias algumas. A angústia e revolta aumentam. No meio deste turbilhão de coisas, e problemas. Na procura de pontos de apoio, envolvi-me com os meus colegas trabalhadores em lutas diárias, com ou contra sindicatos do sector, com ou contra partidos políticos, e com organizações extra-parlamentares da luta por habitação, trabalho e solidariedade.

*clandestina na forma de trabalho assalariado sem contrato, só "de boca", por ex. a receber ao dia ou semana; na habitação, arrendamento também sem contrato, por ex. renda mensal, semanal ou diária, ou em ocupações individuais ou em grupo

Já falaste sobre a luta pela habitação. Podes, agora, falar sobre o GAH (Grupo de Apoios à Habitação), como é que surgiu, como é que te envolveste e que tipo de coisas faziam, como é que se organizavam...

Algures entre 2014-2016 comecei a sentir mais pressão para arranjar habitação. Se antes ia conseguindo arrendar casa (nem sempre), passei a só conseguir quartos. Foi aí que comecei a procurar alternativas, outras soluções. Comecei por me candidatar à Domus Social. Só para a candidatura, foi um filme. Mesmo desempregado, recusaram-me a entrada no programa. Aí, escolhi aproximar-me de grupos da luta colectiva por habitação. O GAH foi um deles, este surge após uma luta colectiva dos moradores do centro histórico do Porto. Tínhamos reuniões abertas onde quem participa, quer seja em dificuldades de habitação quer no apoio à causa, tinha que estar efectivamente envolvido na procura de solução. Direito de ser apoiado e o dever de apoiar os outros. Quebrar o plano institucional-burocrático do morador à mercê das divisões estatais* ou dos escritórios de advocacia e passar a construir alternativas

Sem, ou com, dificuldades de habitação torna-se muito difícil arranjar ou suportar um trabalho, sem trabalho torna-se muito difícil arranjar ou suportar um tecto.

Estarmos sujeitos a este regime de vida é estar em luta constante.

conjuntas, dependendo dos casos concretos que se apresentavam.
O GAH lidava com as divisões estatais, mas não era parte das mesmas.
Tinha capacidade de procurar soluções fora do âmbito institucional, onde as organizações protótipo (ONG's, Partidos, etc) não chegam. No processo, como as reuniões abertas, presenciais, semanais e o envolvimento era colectivo, os laços do grupo fortaleciam-se, logo o movimento fortalecia-se.

*refiro-me a associações protótipo "de apoio aos inquilinos", aos serviços municipais e nacionais de habitação do estilo *Domus Social* (Empresa de Habitação e Manutenção do Município do Porto) ou *IHRU* (Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

Como é que achas que o GAH, a forma de se organizar e agir, serve de exemplo para outras lutas?
Na combinação dos métodos de luta legais e extra-legais.
As organizações não devem ficar amarradas a nenhuma destas duas vertentes.
duas vertentes. Devem conseguir navegar entre estas duas marés, consoante o que a necessidade impõe no momento.
A realidade é que na luta pela habitação dos moradores pobres das metrópoles vemos casos tão graves, de uma exploração e opressão tremendas, de uma urgência tão grande, que a luta legal não consegue resolver a tempo, ou simplesmente não consegue solucionar. Não se trata de ser aventureiros.
Trata-se da compreensão que a lei só por si não trava na prática, por exemplo, um senhorio de executar pressão psicológica e/ou física sobre uma moradora pobre, de executar um despejo sem o consentimento de um juiz, ou que um sem-abrigo ou moradoras pobres em condições degradantes não podem esperar meses e anos que as instituições estatais resolvam os seus problemas imediatos.
Estar a propor uma solução unicamente legal para uma carência tão central e urgente como um tecto vai muitas das vezes contra o dia-a-dia da realidade dos moradores pobres de uma metrópole, que no seu dia a dia até têm, por força da necessidade, executar as mais variadas

manobras clandestinas para ter acesso a um tecto, água e luz.

Esta luta pela habitação, como tu bem disseste, em muito afeta, e é afetada pela, situação laboral. Já nos falaste um pouco da tua luta pela habitação, podes agora falar sobre a tua luta pelo trabalho?

Eu, como muitos trabalhadores, vim do interior litoral para uma cidade-metrópole como o Porto. É difícil explicar o que é um rapaz da aldeia vir viver para trabalhar na cidade. É um mundo novo, cheio de novas experiências, aprendizagens, decepções, vitórias, derrotas. No trabalho, também. Passado dois anos de ingressar no turismo, lembro-me da minha primeira luta laboral por alimentação decente. Davam-nos comida, por vezes restos, vindos de terra. Unimo-nos e ganhámos. Foi aí que digamos a faísca para luta laboral colectiva despertou em mim. Comecei a aprofundar conhecimento da área a todos os níveis, desde a legislação em vigor para o sector do turismo, à história (ou falta dela) de lutas laborais neste sector, até às questões mais profundas acerca do que é o trabalho assalariado e o nosso papel na sociedade. Quando chegou pela primeira vez um sindicato da UGT ao local onde trabalhava, naturalmente filiei-me. Queria conhecer e intervir.

Claro que sempre me fez confusão ouvir sindicalistas a dizer que tomavam cafezinho com o patrão (e esta suspeita veio-se a tornar realidade no futuro), mas mesmo assim desejava organizar-me colectivamente. Houve pouca adesão dos trabalhadores a esse sindicato. Mas quando em 2016 a coisa esquentou foi a eles que recorremos para lançar greve. Acabou por se provar que os cafezinhos com o patrão eram manobras de interesses e rompemos com esse sindicato. Como tinha questões legais pendentes, filiei-me a um segundo sindicato da CGTP, que também não fizeram nada de jeito por mim ou a malta do Douro, a não ser comer-me quotas. E não é só comigo. Do Interior ao litoral ouço e presencio desconfiança dos trabalhadores por estes sindicatos clássicos. Burocráticos, pretenciosos, arrogantes, subservientes ao que os advogados e a lei permite ou não fazer. Enfim, depois admiram-se que as taxas de sindicalização sejam as mais baixas desde os anos 70-80. Por isso, também rompi com esse sindicato.

(...)

naturalmente filiei-me.

Queria

conhecer e intervir.

Gonçalo

Eu concordo com a ferramenta de luta colectiva que é um sindicato. Não concordo é com a actuação dos presentes sindicatos em Portugal, com algumas excepções. Mas também não se pode ficar amarrado a fórmulas rígidas de luta e organização. A ferramenta mais adequada é aquela que oferece mais probabilidade de vitória numa determinada situação e contexto, seja um sindicato, uma comissão de moradores ou um núcleo de trabalhadores que se organiza independente sem preocupações deste tipo.
É hoje o dia em que, à conta das minhas experiências e dos meus colegas trabalhadores, prefiro organizar-me fora dos sindicatos tradicionais com os meus colegas trabalhadores. Participei noutros grupos e organizações deste tipo e a experiência e aprendizagem foram muito valorosos.

Deu para compreender muito.

Falar em revolução social aos trabalhadores e pobres sem conseguir corresponder aos seus problemas imediatos é esquerdismo. Corresponder aos seus problemas imediatos sem falar de revolução social é social-democracia pura. Quem deseja aniquilar esta

sociedade capitalista que nos explora e quem entende, compreende, o papel dos proletários e trabalhadores no futuro da humanidade, tem que conseguir fundir, nas ferramentas e lutas em que participa, estes dois factores - táctica e estratégia. O que fazemos agora tem de ter sempre enquadrado o horizonte estratégico revolucionário. Só assim conseguiremos sair da cepa torta, desta paz podre em que vivemos na democracia dos ricos.

Parece-nos a nós, também, que as pessoas preferem reformas a mudança radical - revolução. Pela tua experiência, o que é que efetivamente aumenta a consciência das pessoas e o que pensas ser necessário para se fazer uma revolução social?
Primeiro de tudo é necessário compreender que "pessoas", que classes sociais, têm ou não interesse numa mudança radical da actual ordem social. É comum ouvir da boca dos pobres que "isto está podre, só vai lá com uma nova revolução!". A experiência e memória do processo revolucionário em curso de 1974-75 ainda está presente nas gerações que se seguiram a esse acontecimento. Ou seja, mesmo não tendo havido uma revolução no 25 de Abril, os tumultos e vitórias sociais dos explorados nessa época deram um marco pelo qual ainda podemos compreender o nosso potencial. Classes sociais que vivem com estabilidade neste regime no máximo irão recordar as conquistas de abril. As classes na actual composição social do pós- 25 de abril que ainda continuam a penar às mãos de patrões e senhorios são as que terão interesse real num embate contra os mesmos. Portanto, o barômetro foi e continua a ser, à luz da teoria e prática revolucionária, que classes têm potencial revolucionário actualmente em Portugal, na Europa e no mundo. Uma vez desbaratando este nó, devemos abandonar toda a organização de classes sem potencial revolucionário. E isso também implica abandonar organizações que não contactam diariamente com classes revolucionárias ou que contactando não têm real interesse na sua emancipação. Novas organizações e estruturas sociais deverão ser criadas, calibradas aos sujeitos revolucionários, que participem efectivamente dos problemas do dia a dia desses sujeitos. Serão eles a fazer uma próxima revolução. Mas se o

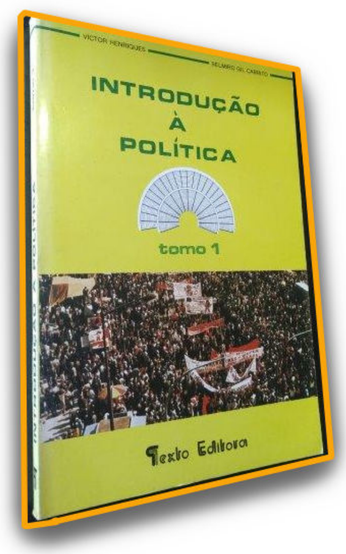
conseguissem fazer unicamente por si próprios, já há muito tinha sido obliterado o capitalismo e a burguesia.
Portanto, a elevação da consciência revolucionária tem de ser enquadrada por organizações e estruturas que evidenciem, no curso das lutas sociais desses sujeitos, a necessidade e o porquê de ser necessário uma revolução social.
Primeiramente, mesmo as classes com potencial revolucionário desejam melhores condições de vida. Ao ajudá-los atingir esse objectivo, poderemos granjear do respeito, da atenção e afinidade necessários para que esses sujeitos tenham interesse em ouvir o porquê da necessidade de uma revolução comandada por eles. Reparem, eles não necessitam que lhes expliquem que um senhorio ou patrão são exploradores. eles já o sabem porque o experienciam na pele diariamente. Necessitam sim que os apoiemos na compreensão da fase seguinte: que esta ordem de coisas não é um mero acaso, não é o destino final de nossas vidas e da humanidade, e que novas formas de viver são possíveis e que, inclusivamente, já foram testadas na história e são actualmente testadas no mundo.
O pensamento revolucionário futuro tem de ser sempre enquadrado numa experiência da actualidade (quer seja a nível local, regional, nacional e internacional) para ser palpável aos sujeitos revolucionários. Precisamos compreender não só o porquê das nossas dificuldades e amarguras constantes na vida, como é que essas mesmas feridas são compartilhadas a nível mundial por biliões de explorados. Já está mais que provado, ainda para mais numa fase do capitalismo altamente globalizado, que a revolução tem de ser internacional, mundial.
Para isso, as organizações também devem dedicar os seus esforços a criar uma coesão internacional entre explorados que permita aos sujeitos revolucionários que contactamos no dia a dia compreenderem que não estão sós e que o objectivo final da revolução é colectivo.
Claro que perante o estado actual de desorganização das classes revolucionárias, juntando as amarras do oportunismo partidário institucional e da propaganda burguesa e dos aparelhos de estado, isto que estamos a falar aqui pressupõe um

trabalho que não se realizará
em 2, 5 ou 10 anos.
É provável que seja um trabalho
para um espaço inteiro de vida
e até é mais que provável que
só ao incidir nas próximas novas
gerações de explorados,
enquanto atendes aos
problemas actuais dos seus pais
e descendentes, é que
finalmente esteja criada entre
os pobres uma verdadeira
organização independente
cuja base social tenha em mãos
e mente para si próprios a
actuação e compreensão para
**a grande tarefa nas nossas
costas: o futuro da humanidade
e, inclusive, do planeta Terra.**

Análise RAD

O que é uma revolução

Revolução. Sabes do que se trata? Mas tipo concretamente? Achas que sim, não é?
Mas só para nos certificarmos que estamos na mesma página, cá vai.
Muito bem, comecemos então pela base: o que constitui, de facto, uma revolução? Peguemos na definição deste livro



"A Revolução é uma técnica de conquista de poder que conduz à transformação profunda das instituições económicas, sociais e políticas existentes, para o que contribui, decisivamente, a participação ativa das classes menos favorecidas da coletividade no processo revolucionário."
Hm interessante, se calhar citamos um pouco mais.
"De facto a existência de grandes descontentamentos relativamente à autoridade constituída, pode conduzir à necessidade, sentida pelas camadas sociais mais desprotegidas, de romper com as velhas estruturas sociais e de criar uma nova ordem política, económica e social.
"Deste facto deverá resultar o desaparecimento dos privilégios e prerrogativas das camadas favorecidas anteriormente"

Então, o que retiramos de fundamental daqui é que a revolução parte de quem está a ser oprimido para se libertar da sua opressão. Para avaliarmos se algo é realmente uma revolução, esta é uma condição base.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?
Paulo Freire

Voltemos ao nosso livrinho:

"Contrariamente à aspiração de renovação profunda das instituições que é característico da revolução, o Golpe de Estado, não implica qualquer tentativa de transformação dessas instituições. Por outro lado, o Golpe de Estado não vai buscar a sua força às camadas mais desfavorecidas da sociedade, às quais não se dirige e a quem, aliás, se esconde até à sua realização."

"Efetivamente, o Golpe de Estado é levado a cabo por elementos que pertencem à classe dominante.

Na verdade, os autores do golpe de estado aproveitam-se da sua posição no aparelho de estado para o derrubarem e substituírem por outro, no qual eles virão a ser os líderes.
Geralmente, estes indivíduos que pretendem substituir os governantes de forma contrária às normas estabelecidas, socorrem-se dos aparelhos militares e paramilitares."

Exemplos de Golpes de Estado são o que aconteceu no Chile, em 1973 com o derrube do governo socialista e o estabelecimento de uma ditadura militar. Este tratou-se então de um golpe militar, em que forças militares tomaram por força o poder. Já o que aconteceu recentemente no Brasil com o impeachment de Dilma Rousseff, tendo o Michel Temer assumido a presidência, tratou-se de um golpe de estado parlamentar, uma vez que a tiraram de lá usando o próprio parlamento (mecanismos parlamentares) para o fazer.

III.

Manifestação de jovens trabalhadores

Uma das formas mais fáceis e sem compromissos de participar, conheceres pessoas que estão na luta e teres mais informação sobre algum tema em específico é ires a uma manifestação - quando pessoas se reúnem para expressar publicamente uma opinião. Podes ir sozinha(o) ou acompanhada (o), sem conhecer ninguém lá, só tens que aparecer. Assim, podes conhecer as reivindicações que estão a ser feitas (os megafones ajudam neste campo), ouvir os discursos e, assim, teres um primeiro contacto com uma forma de luta.

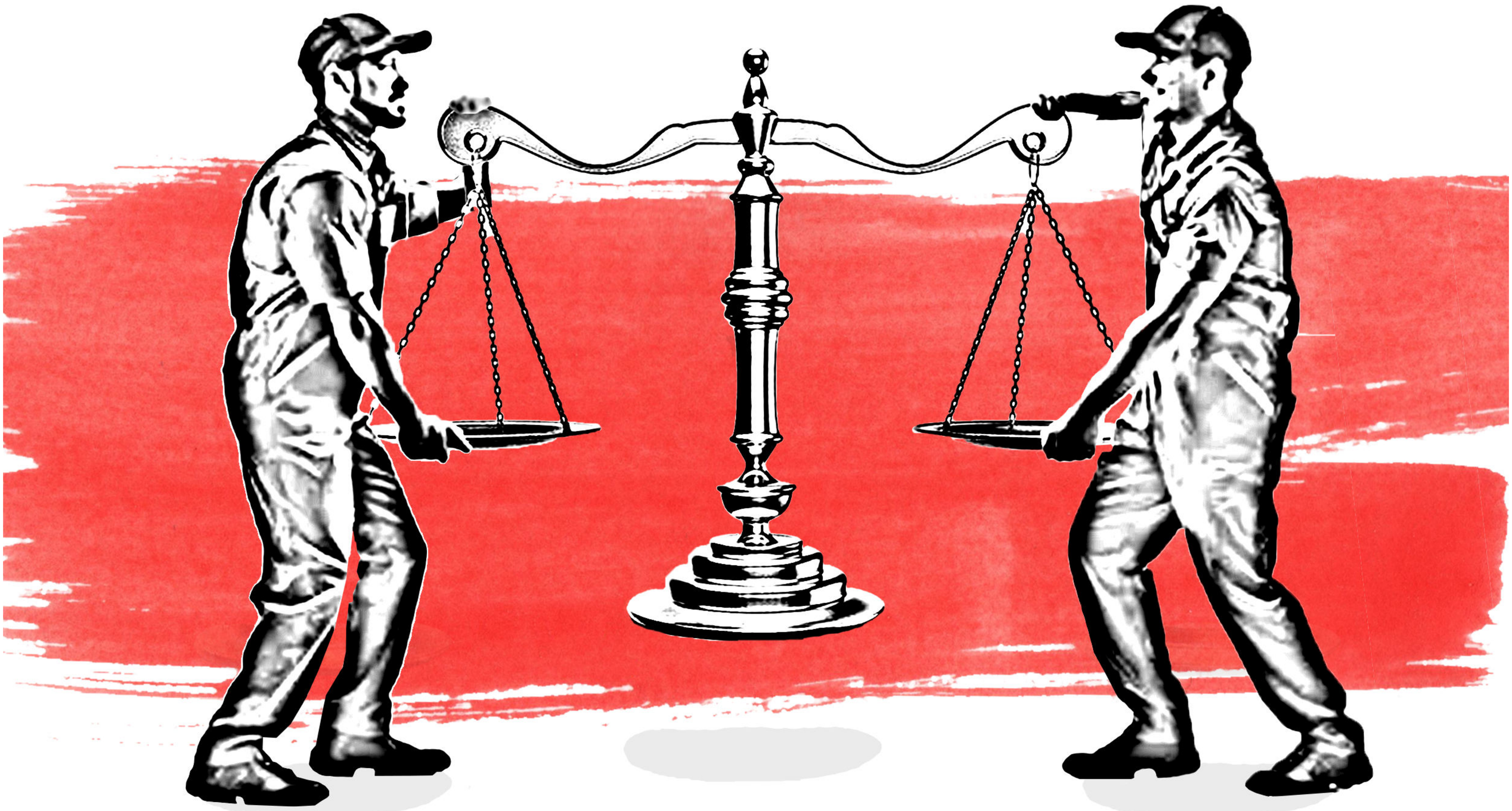
As manifestações são das principais formas de protesto e mobilização. A demonstração da vontade do povo e da sua capacidade de organização é a sua principal arma.

No dia 25 de Março houve no Porto uma manifestação para jovens trabalhadores organizada pela CGTP-IN (Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional).
Algumas das reivindicações feitas foram o aumento do salário mínimo (este é mesmo um exemplo do ditado "o melhor esconderijo é em plena vista", eles estão literalmente a dizer "estamos a pagar-vos o mínimo possível", já para não falar que, a sério, é preciso haver um salário mínimo, senão...) para 850 euros e a redução das horas de trabalho para 35 horas semanais, entre outras.
No início, era relativamente pequeno o grupo que ocupava nem metade da praça dos Poveiros. Este acabou por aumentar, mas tratou-se, no entanto, de uma manifestação, em tamanho, muito modesta.
O ponto alto foi, para nós, quando alguns trabalhadores - sendo apenas um deles "jovem" - discursaram, dando os seus testemunhos pessoais: um jovem brasileiro que trabalha na Glovo (entrega de comida). Outra pessoa trabalhava numa fábrica de calçado. Havia ainda um assistente de call center. Todas salientaram como o Covid os impactou especificamente, a falta de condições e equipamento de proteção, a desresponsabilização pelas novas despesas provenientes da situação do teletrabalho, os layoffs e a precariedade consequente.
No seu discurso, a presidente da Interjovem (CGTP-IN) tocou num ponto que consideramos muito pertinente, e de facto está em voga atualmente, sobretudo para os jovens - ela criticou o facto de agora ser-nos vendido que ter "mobilidade", ter contratos pequenos/temporários e instáveis é uuuuh para termos muitas experiências diferentes.

A nossa própria experiência pessoal, nomeadamente académica, tem sido exatamente essa, não só de apresentar esta situação como normal, como também é feita quase uma glorificação desta incerteza enquanto lifestyle (estilo de vida). É engraçado que as empresas falam muito de como os trabalhadores ganham ("experiência", "autonomia", "fugir à monotonia", etc.), e não falam de quem realmente ganha com esta situação - elas próprias. São elas que, através disto, podem reduzir os custos com direitos laborais, podem despedir facilmente, reduzir os custos com os trabalhadores, etc.

Uma das escritoras da revista Rad, neste momento, trabalha para uma grande empresa em Portugal que só realiza contratos de 2 meses, os quais vai renovando, esperemos nós. Ela adora a sua dose de adrenalina bimensal, é bom para o coração, como a Becel (um minuto para uma informação muito importante e totalmente nada a ver com isto: manteiga/margarina/óleos são das piores coisas para o coração, isto porque consideramos que, sei lá, aquilo que provoca doenças cardiovasculares pode não ser muito bom para o coração).
No geral, sentimos que haviam poucos jovens presentes (estavam, de facto, em minoria) e pouca energia, no sentido reivindicativo e literal. Talvez seja um reflexo das cada vez mais reduzidas taxas de sindicalização. Hoje em dia não há muitos jovens sindicalizados, mas não é de admirar - não há muita informação, nem educação sobre isto. Pensamos que muitos jovens (como nós) não percebem bem o que são sindicatos nem quais as suas funções, ou a sua potencial importância.

Até as reivindicações eram demasiado suaves, pequenas reformas apenas. Nós gostávamos de ouvir algo revolucionário, algo que, de facto, mudasse as vidas das pessoas, algo como **democracia no trabalho.**



D A W - *Democracy at work*
Democracia no trabalho

Segue-se uma seleção e adaptação dos trechos que consideramos mais relevantes de várias palestras do Professor Wolff.

Economia e política são assuntos tão mal apresentados, que frequentemente as pessoas sentem que deve ser culpa delas não perceberem, ou não quererem perceber.
Não estamos a dizer que isto aconteceu a algum de vocês, mas talvez tenha acontecido a alguns. Vamos começar com os conceitos base de economia. É simples, mas é importante ficar bem claro.
Seres humanos são diferentes da maioria dos outros seres, porque, em vez de simplesmente procurarmos e esperarmos encontrar aquilo que precisamos para a nossa sobrevivência (comida, abrigo etc.), nós produzimos essas coisas.

Enquanto seres humanos, usamos o nosso cérebro e os nossos músculos para moldar e controlar o nosso ambiente e nos sustentarmos. Então, muito resumidamente, nós **trabalhamos**. Usamos os nossos cérebros e músculos para transformarmos as coisas que encontramos na natureza em coisas que nos servem e nos satisfazem. Pegamos numa árvore e fazemos uma mesa. Pegamos numa planta de algodão e fazemos uma camisola. E por aí fora.
Durante toda a história da humanidade se tem feito isto. Pessoas trabalham para produzir bens e serviços, partindo de recursos naturais, para satisfazer as suas necessidades.

O desenvolvimento que se tem verificado ao longo da história da humanidade é relativo à forma como organizamos esse trabalho. Fomos fazendo isso de formas diferentes.
Por exemplo, durante um longo período da história da humanidade, o trabalho era feito individualmente ou feito dentro de grupos muito pequenos, como uma família.

Ou seja, trabalhávamos de forma individual ou em grupos muito pequenos, usando os nossos cérebros e músculos para produzir os bens e serviços que consumíamos. Plantávamos vegetais, criávamos animais, construíamos uma casa, uma cabana, ou algo. E foi assim que se viveu por dezenas de milhares de anos.

Recapitulando, indivíduos ou pequenos grupos. E mesmo que estes pequenos grupos, pontualmente, colaborassem em algo maior, cada um destes pequenos grupos, dentro deste algo maior, funcionava assim.
Até que houve um certo ponto na história, em que algo mudou.
Devido a várias razões, foi criada a **divisão do trabalho**. Já não era mais "cada um fazer tudo o que precisava para si, para sobreviver". Começámos a **especializar-nos**. Tomamos isso como garantido, como natural, ou óbvio hoje em dia.

Esta pessoa faz o pão. Aquela pessoa constrói a casa. Aquela pessoa faz a roupa. Aquela pessoa torna-se um professor. E por aí adiante. E pronto, 'tá-se bem, especializámo-nos. Diferentes razões – ser mais eficiente, mais rápido, etc.

Mas queremos focar-nos no facto de que quando nos especializámos, surgiu um novo problema, que não existia antes de ter ocorrido essa especialização. Porque quando não existe essa especialização, cada um de nós produz praticamente tudo o que necessita para si, para a sua família, ou o seu pequeno grupo. Se nós produzimos o que consumimos, não temos que nos preocupar com o que os economistas chamam de "**distribuição**".

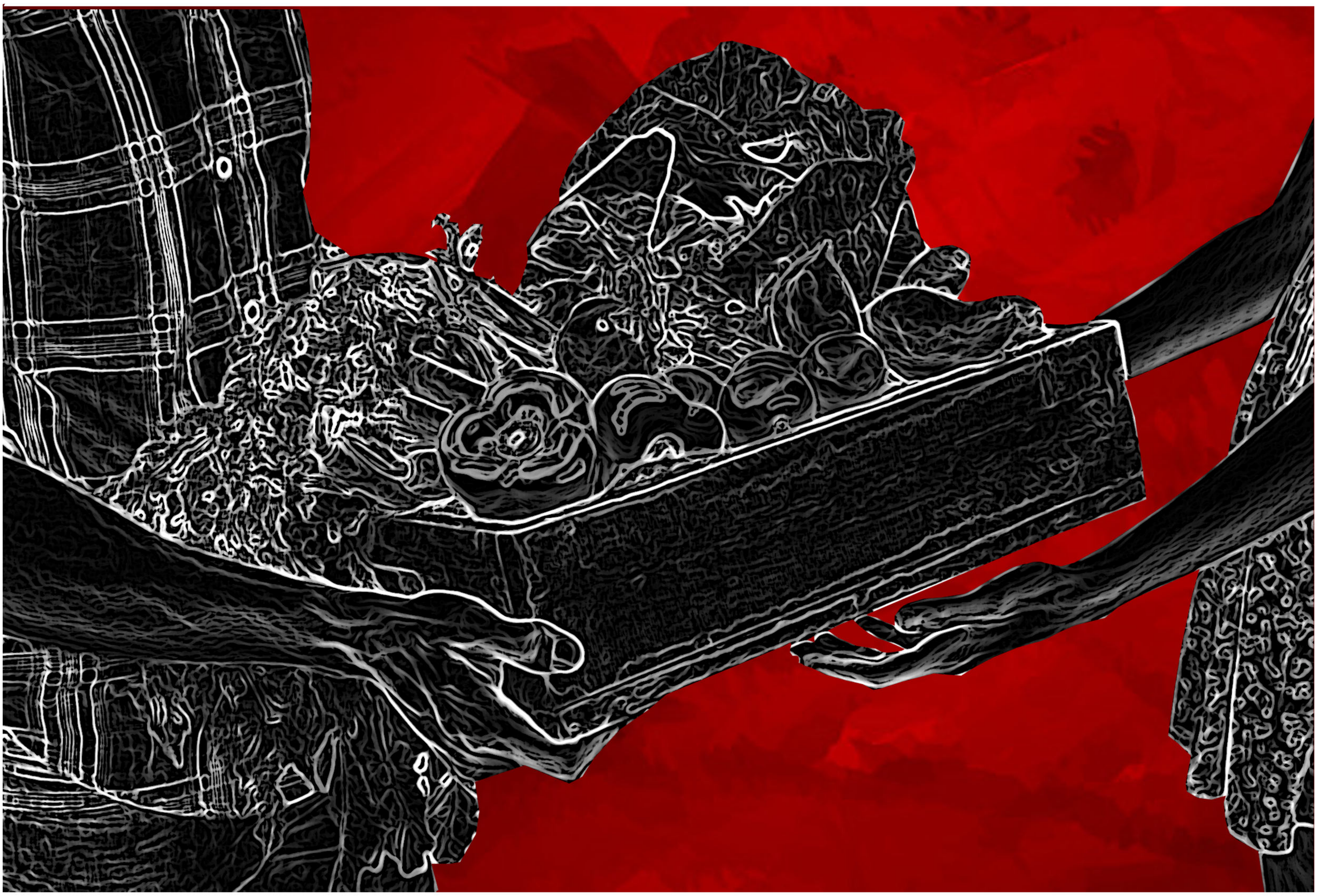
Mas se eu produzo uma coisa e tu produzes outra coisa diferente e ela produz ainda outra coisa diferente, então, temos de encontrar uma forma de distribuir entre nós o que cada um produz. Se não fosse assim, eu podia ser ótima a construir casas, mas morreria à fome. Já a pessoa que produz a comida iria morrer exposta aos elementos naturais, por não ter abrigo.

É por isto que é necessário um **sistema de distribuição**, isto é, uma forma de dividir entre nós todos, que nos especializámos, o que cada um de nós produz. A humanidade tem sido muito criativa em como organizar essa distribuição.

DIVISÃO DO TRABALHO

Esta pessoa faz o pão.
Aquela pessoa constrói a casa.
Aquela pessoa faz a roupa.
Aquela pessoa torna-se um professor.

É por isto que é necessário um **sistema de distribuição**,
isto é, uma forma de dividir entre nós todos,
que nos especializámos,
o que cada um de nós produz.



O modelo que mais durou foi uma espécie de ritual. Tornou-se um ritual social ou mesmo um ritual religioso. Por exemplo, as colheitas. As colheitas acontecem quando nos reunimos e colhemos o fruto dos nossos diferentes trabalhos. Tu colhes o milho. Eu colho a fruta. Ela colhe as batatas. E depois, normalmente, realizava-se um festival. Todas as culturas têm os seus festivais de colheitas, onde decidem como distribuir o que foi produzido: "eu vou dar-te o milho que eu não preciso e tu vais dar-me as couves que tu não precisas e etc.".

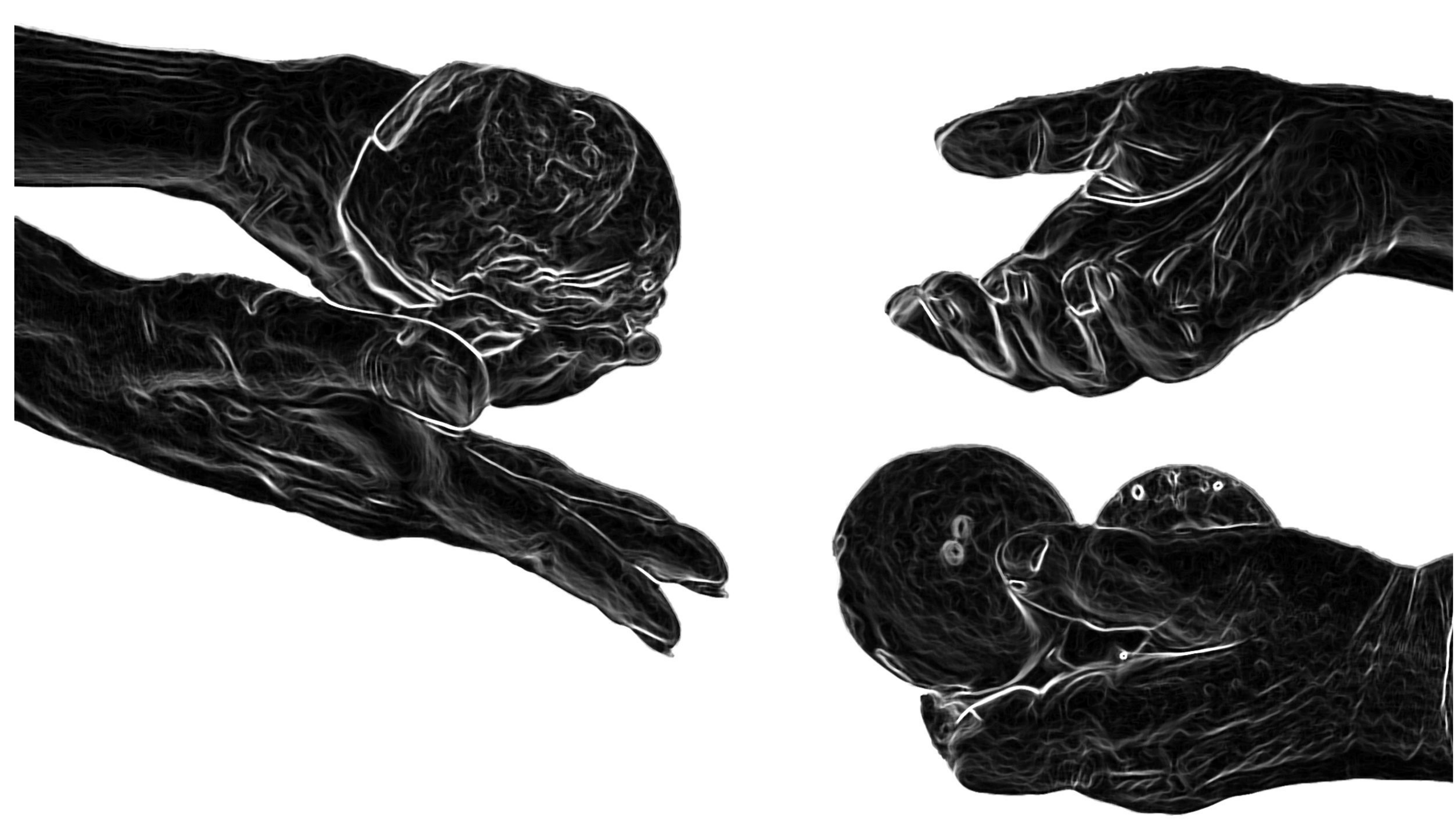
Outros sistemas também foram desenvolvidos.

Um grupo de anciãos, as pessoas mais velhas de uma determinada população, por terem muita experiência de vida e mais sabedoria reuniam-se e dividiam eles as tarefas (o trabalho) e os frutos de produção entre todos. Por vezes, não era um ancião e sim apenas um costume que se desenvolvia. Por exemplo, na tua família, no natal, provavelmente existe esta distribuição de tarefas em que tu preparas as batatas, a tua mãe faz a sobremesa, a tua irmã faz o tofu (pronto, nós somos vegan, mas tu percebes). O fundamental aqui é, cada um de nós faz algo e no final tu não vais comer só batatas. Nem a tua mãe vai comer só a sobremesa. O costume, a tradição, talvez seja que é a tua avó a distribuir a comida, ou a tua mãe.

É fácil de ver quem está na posição de decidir. Por exemplo, uma criança na seguinte situação: queria duas mousses de chocolate, porque havia uma mousse extra e isso tornava-se um momento de tensão, quem é que ia ter a mousse de chocolate extra, a criança? A prima? A avó? Alguém tem que decidir. Isto é um problema de distribuição que tem que ser resolvido.

De alguns séculos para cá, começámos a construir um modelo de distribuição de um modo bastante peculiar. Já tinha sido utilizado pontualmente. Mas há cerca de trezentos, quatrocentos, quinhentos anos atrás, no mundo ocidental, desenvolveu-se uma nova forma de organizar a distribuição de bens e serviços feita especificamente para responder à situação em que pessoas diferentes produziam coisas diferentes.

Chamaram a isso o "**mercado**". O Mercado trata-se de um acordo peculiar que funciona da seguinte maneira: tu produzes uma certa coisa – pão, camisolas,...- e vais a um determinado sítio, numa determinada hora (por exemplo à praça às 10:00, todas as sextas) e montas lá a tua banca onde vendes os teus produtos (que produziste) e outras pessoas fazem o mesmo. E então desenvolveu-se um ritual igualmente peculiar no qual tu e outra pessoa "**negoceiam**" – uma nova palavra - "eu dou-te 3 camisolas, se me deres 6 pães, etc. Ou seja, a distribuição ocorre através de imensas negociações individuais.



Descrevemos, então, um **sistema de mercado**: uma forma de distribuir produtos e serviços quando existe a divisão/especialização do trabalho.
Novamente, esta não foi a forma de dividir os produtos e serviços durante a maior parte da história – existiam outras formas que já apresentamos (anciães, rituais religiosos, ...).

Portanto, o Mercado é relativamente recente, mas desde que foi criado tem sido alvo de disputa.

Na Grécia Antiga, já existiam mercados entre as diferentes cidades-estado (Atenas, Esparta e as restantes). Elas trocavam ("**troca**" é outra palavra para mercado) entre si.

E com isto, Platão e Aristóteles questionaram-se sobre qual seria o impacto deste novo sistema - o Mercado - na sua sociedade. Talvez te surpreenda, ou talvez não, que ambos detestavam o mercado.
Porquê? Porque, segundo eles, destruía a comunidade.
Como assim destruía a comunidade?

Segundo a reflexão deles, quando as pessoas estão constantemente a discutir/regatear ("Dou-te X mas quero Y"; "Só me queres dar Z, por isso vou a outra pessoa", etc.). Este tipo de relacionamento, em que a interação se baseia em **eu dar-te o menos possível enquanto tento receber o máximo possível**, constituía uma atividade prejudicial, disruptiva e mesmo associal que deveria ser banida.

Ok, então temos mercados. Mas e como é que se organizam as coisas?

Ora, nós vivemos num sistema com uma forma particular de organizar a produção de produtos e serviços que são depois comercializados e distribuídos através de um mercado.
Como é que fazemos isto?
Em poucas palavras, existe o "**trabalho**".

Para produzir uma camisola, uma câmara fotográfica, uma mala, qualquer coisa ou serviço, são necessárias muitas pessoas diferentes que realizam as diferentes tarefas necessárias, as quais são coordenadas para produzirem o produto ou serviço final.
Como é que isto foi organizado através do sistema económico, ao longo da história? Diversas maneiras.

Tudo começou com o reconhecimento de que só se consegue fazer X sozinha, se quiseres fazer algo mais complexo, provavelmente, muito provavelmente, vais precisar de cooperar com outras pessoas, para o realizares. Por exemplo, construir uma casa ou uma ponte. Pessoalmente nunca construímos uma casa, mas acreditamos que seja difícil só uma ou duas pessoas o fazerem. Então, como organizar isto?

Uma forma é: juntar um grupo de pessoas e, entre todas, concordarem em trabalhar em conjunto e decidirem "Vamos construir isto durante 6 meses, cada um de nós vai trabalhar 5 horas por dia. Vamos começar por construir a casa da Maria. Depois a casa da Joana. E a Joana ajuda a construir a casa da Maria, e a Maria ajuda a construir a casa da Joana.". As pessoas discutem e decidem em conjunto. Fazem-se reuniões, discute-se como é que se vai construir, qual construir primeiro, etc. Elabora-se um plano e segue-se, ao máximo, o plano e, se alguém não estiver a cumprir esse plano, utilizam-se os métodos de persuasão usuais que os seres humanos desenvolveram: uma conversa amigável, comentários ou mexericos desagradáveis e o que for necessário para se concretizar o trabalho.

Isto pode ser chamado de uma **cooperativa** (não o seu significado mais habitual). Um modo de organização comunitário.
Isto tem sido feito ao longo da história: nos tempos antigos, medievais e na semana passada.

E agora há uma segunda forma de organização, muito diferente. Segundo esta, algumas pessoas fazem todo o trabalho e outras….não.

Wow.

Vamos materializar isto com um exemplo: uma sociedade divide as pessoas em dois grupos, um grupo é chamado de "**escravos**" e o outro grupo "mestres". Nessas sociedades permitíamos que seres humanos tivessem propriedade sobre outros seres humanos. Ora o mestre, tendo o poder, domínio sobre o escravo, pensou "Tenho uma ideia. Tu fazes o trabalho todo – constróis a casa, fazes as camisolas, cozinhas. Não só fazes isso para ti próprio para sobreviveres (constróis a tua casa, fazes a roupa que usas, cozinhas para comeres) como também – e ouve bem esta – vais ter de fazer tudo isso para mim também. Não tenho de fazer nada, tu fazes por mim. Senão… eu sou o mestre e tenho vários poderes e meios para intimidação e castigo."

É, de facto, um método muito peculiar onde, em vez de nos juntarmos, cooperarmos e trabalharmos em conjunto, para produzirmos o que todos precisamos, é introduzida uma grande diferença – conflito, tensão, raiva, ressentimento. Porquê? Bem, esta não é muito difícil de perceber (podes talvez lembrar-te de alguns trabalhos de grupo na escola) – porque algumas pessoas fazem o trabalho todo e produzem mais do que o que recebem.

Esse "mais" é chamado de "**mais-valia**", é o extra que é produzido pelo trabalhador quando este produz mais do que ele próprio consome.

Escravos produziam uma mais-valia que os mestres recebiam e usavam, não só para terem uma ótima qualidade de vida, como também para garantir que esse sistema se mantinha, porque lhes agradava bastante. Já aos escravos, não lhes agravada assim tanto (chocante).

Uma terceira forma: novamente aquela situação interessante, em que algumas pessoas produzem uma mais valia que outras recebem. Mas desta vez as pessoas que produzem não são escravas, não são **propriedade** de ninguém. Este sistema foi chamado de **feudalismo**. Era o que existia na Europa desde cerca de 580 até 1500. Não existiam, então, escravos e mestres, mas sim senhores feudais e vassalos. Ora, ninguém era dono de ninguém, mas um vassalo era alguém que nas-

-cia num determinado terreno e, por tradição, religião, pela lei – permanecia lá. A vasta maioria das pessoas nasciam filhas(os) de vassalos e, por isso, eram elas(es) próprias(os) parte dessa categoria de pessoas que deviam obrigação ao senhor feudal.

Então este sistema feudal funcionava assim: o vassalo trabalhava 3 dias na terra do senhor e o fruto desse trabalho era para si, para sustentar a sua família, os outros 3 dias trabalhava na terra do senhor e o que produzisse lá, ficava, vê se adivinhas, para o senhor. E no sétimo dia (hm isto soa-me familiar) descansava (ah lá está, eu sabia que reconhecia). Ora, qual era a instituição que presidia este sistema? A Igreja Católica Romana. No sétimo dia, ia-se à missa, descansava-se e depois de volta ao mesmo.

Portanto, nos primeiros 3 dias, os vassalos produziam para si e nos seguintes 3 dias produziam a mais-valia que permitia os senhores terem os seus chateaus (castelos). Já viram Versalhes? Dá para perceber a grandiosidade que esses chateaus podiam ter quando se tinham centenas de milhares de vassalos a trabalhar para ti.
Estas foram, então, diferentes formas de organizar a produção, após o surgimento da especialização do trabalho.

O feudalismo foi derrubado após mil anos de existência – muito tempo – por volta dos anos 1600, 1700, na Europa. **Os vassalos fartaram-se**. E, em França, os problemas dos senhores em conjunto com a revolta, raiva e ressentimento dos vassalos culminaram numa revolução – aquela da "Liberdade. Igualdade. Fraternidade." Isto estendeu-se a outras partes da Europa e um novo sistema foi instaurado – **o capitalismo**. É o que temos até hoje. Tem cerca de 300-400 anos, ou seja, é jovem. E como é que funciona?

Bem, é diferente do esclavagismo, porque não permitimos que pessoas sejam propriedade de outras pessoas. E é diferente do feudalismo porque se nasceres filha(o) de um carpinteiro no sítio X, não vais necessariamente ser carpinteira(o) no mesmo sítio.

É permitida muita mais – e isto é importante – mobilidade e liberdade **individual**, basicamente isto significa : fazes o que podes.

Então, o sistema capitalista funciona da seguinte forma: cada um tenta encontrar o que ela ou ele vai fazer. Talvez estejas nesse processo agora – para onde vou estudar, o que é que vou estudar? Qual é a credencial, o mecanismo para encontrar o meu lugar na divisão laboral? O que é que eu vou fazer? É uma preocupação que muitos temos. Então, vamos para uma instituição que nos promete que se fores para lá e tirares boas notas e passares nos exames, sais de lá com o canudo e arranjas um emprego. Esse já não é bem o caso hoje em dia, é mais tipo - isto, pronto, isto pode ajudar…vai ser mais difícil sem.

Voltando ao funcionamento do sistema capitalista, a esmagadora maioria das pessoas procura um **emprego** e isto é tido como sendo axiomático – incontestável, é assim que funciona o mundo. Mas, se seguiste o que dissemos até agora, sabes que tal não é verdade, de todo.

A filha de uma escrava sabia exatamente o que ela ia fazer. Ia ser uma escrava também, provavelmente para os mesmos mestres dos pais, ou então dos seus descendentes.
O capitalismo trouxe este novo dilema de procurar um emprego. Procuras um patrão. Uma pessoa que te contrate, que te empregue. Hm um vassalo nunca fez isso. Durante a maioria da história da humanidade ninguém empregava ninguém, esta é uma criação nova.

Então, a coisa vai mais ou menos assim: vais a um empregador e dizes "cá estou eu, acabei de me licenciar na universidade X, repare o quão brancos são os meus dentes, por favor dê-me emprego, porque eu sou muito boa a fazer Y." E depois fazes figas para que ele o faça, que te empregue. Tens uma "entrevista", uma conversa onde falam sobre o trabalho que será esperado de ti, os teus objetivos…aquelas superficialidades. Até que chegas ao momento chave – quanto é que te vão pagar?! Isto porque precisas de dinheiro. Porquê? Para evitar aquela... dolorosa morte. Precisas de comida – tu não cultivas para ti, a não ser aquele vasinho deprimente com quatro 4 folhas de rúcula, não tens grande coisa. Precisas de roupa e afins, **tu não produzes nada disso**, **por isso**, **precisas de dinheiro para os adquirir**. E o emprego que conseguires é o que te vai dar o dinheiro que te vai permitir comprar as coisas de que precisas para sobreviver, pelo menos, ou ter uma vida mais ou menos confortável, talvez, se tiveres alguma sorte.

Chegas ao momento chave da conversa: quanto é que o sr(a) empregador(a) me vai pagar? Digamos que o valor acordado é de 10 euros por hora. O empregador concorda em pagar-te 10 euros por hora e, em troca, tens de fazer uma série de coisas. Tens de comparecer, de segunda a sexta, das 9h às 17h. Tens de te vestir de forma apresentável, tens de ser capaz de usar o teu cérebro e músculos para fazer o que te dizem para fazer com a matéria prima que te dão, utilizando as ferramentas que te disponibilizam.

Um aspeto essencial a destacar é que, no final das tuas 8 horas (tipicamente) de trabalho, **vais ter transformado essas matérias primas, através do teu trabalho, num produto final**. Qualquer que seja o produto do teu empregador – um bem, um serviço, qualquer que seja. Ou seja, no final do dia, o teu trabalho está embutido no produto final que te disseram para produzir, mas tu vais para casa e não ficas com ele – tu fizeste-o, mas não é teu. E se levares um bocadinho contigo, o empregador chama os senhores (e algumas senhoras) nos uniformes azuis para irem a tua casa e eles castigam-te. Vamos tornar isto mais claro: tu produzes a coisa e depois vais para casa. Em casa, bebes cerveja, tiras os sapatos, adormeces a ver televisão para recarregares baterias e estares pronta para o próximo dia.

O empregador fica com os frutos do teu trabalho e é o empregador que decide o que fazer com eles.

Outro aspeto importante: o único motivo pelo qual, a única circunstância em que um empregador te paga 10 euros por hora, é porque durante essa hora tu (com o teu trabalho) **produzes mais do que 10 euros nessa hora**. Porquê? Porque senão ele não tinha nada a ganhar. **Se te pagasse o que tu produzes, ele não tinha lucro.**

É por isso que uma empresa contrata o empregado, porque ele vai produzir uma quantidade maior ou melhor do que for que eles produzem. E, nos cálculos da empresa, só é vantajoso contratá-lo se, pelos 10 euros à hora que gastam com o trabalhador, o seu trabalho render mais do que 10 euros à hora.
Senão, o empregador não empregava esse trabalhador, seria um absurdo (em termos deste sistema atual).

Se ele desse ao trabalhador 10 euros por hora e o resultado dessa hora de trabalho fosse 9 euros, teria um prejuízo de 1 euro por cada hora.

O mesmo aconteceria se o trabalhador que ganha 10 euros à hora produzisse o equivalente a 10 euros por hora, nesse caso, a empresa não teria prejuízo, mas também não teria qualquer tipo de lucro. E é a procura pelo lucro que define uma empresa. É o que está na base da sua própria definição.

Estes casos não seriam vantajosos para o empregador. E não é necessário um mestrado em economia para perceber isso.

Então, conseguimos perceber que existe sempre uma condição fundamental sob a qual vais ser empregada(o): **vais produzir mais do que o que o teu empregador te paga**. Por isso, para quem pensa "Não vou trabalhar para alguém que não me pague o que eu valho", hmm se calhar não percebes bem como funciona o sistema em que vives.

Portanto, vimos sistemas diferentes, mas o que é que todos têm em comum? **Mais valia a ser produzida por uma parte da população, permitindo que outra parte viva à custa disso**. Isto significa que, na base do capitalismo, existe conflito, uma oposição, um ressentimento entre aqueles que constantemente produzem mais do que recebem e aqueles que vivem às custas disso. E se fosses um capitalista, um empregador, era do teu interesse pagar o mínimo possível ao trabalhador, para poderes ter o máximo lucro possível. Quanto mais lucro tiverem, mais seguros, confortáveis, poderosos são. Para quem já alguma vez trabalhou e se perguntou porque é no fim de muitos dias de trabalho se sentia…roubado, eh bem é porque foste.

Capitalismo é um sistema baseado numa premissa de injustiça, de exploração. Marx definiu esta exploração de forma simples: exploração existe sempre que as pessoas que trabalham produzem uma mais-valia que é apropriada por outras pessoas (que não a produziram) que a distribuem segundo a sua vontade.
Existem três grandes escolas de pensamento na economia. Elas têm visões radicalmente diferentes relativas ao sistema capitalista. O debate não é apenas entre aqueles que amam capitalismo e sentem que o mercado devia ser livre e desregulado versus os Keynesianos que também amam o capitalismo, mas que sentem que o governo tem que intervir porque deixado a si mesmo, o sistema colapsa (crises económicas). Existe também uma outra perspetiva que diz que os problemas do capitalismo vão muito mais a fundo do que a questão de haver mais ou menos intervenção por parte do governo. Para essas pessoas, esse assunto é secundário.

O problema não é haver mais ou menos intervenção do governo, e sim haver o problema fundamental de deixar as decisões nas mãos de quem dirige/possui as empresas capitalistas.

Com mais ou menos intervenção governamental, não estamos a mudar fundamentalmente a unidade básica de produção, a empresa, em que um grupo pequeníssimo de pessoas faz todas as decisões chave.

Nas grandes empresas, os responsáveis pelas decisões são dois grupos de pessoas: os shareholders/acionistas, aqueles que possuem a empresa por terem shares/ações dela; e o quadro de diretores. As ações são equivalentes a ter posse de parte da empresa. A maioria das ações está nas mãos de pessoas muito ricas ou pequenas instituições.

Só para fins estatísticos, nos Estados Unidos da América, 1% **dos acionistas possuem dois terços das ações**.
São apenas meia dúzia de pessoas na maior parte das empresas. É o que chamamos de grandes acionistas.

Um grande acionista possui milhões de ações. Pode ser um banco, pode ser uma pessoa muito rica, mas são sempre um grupo pequeno. 20, 50 pessoas, grupos, instituições, possuem todas as ações.
Nas grandes empresas, uma vez ao ano há eleições. E os acionistas votam para algo que se chama o quadro de diretores. Normalmente, são um grupo de 12 a 20 pessoas.

O voto funciona da seguinte maneira: tu tens um voto por cada ação que possuis.

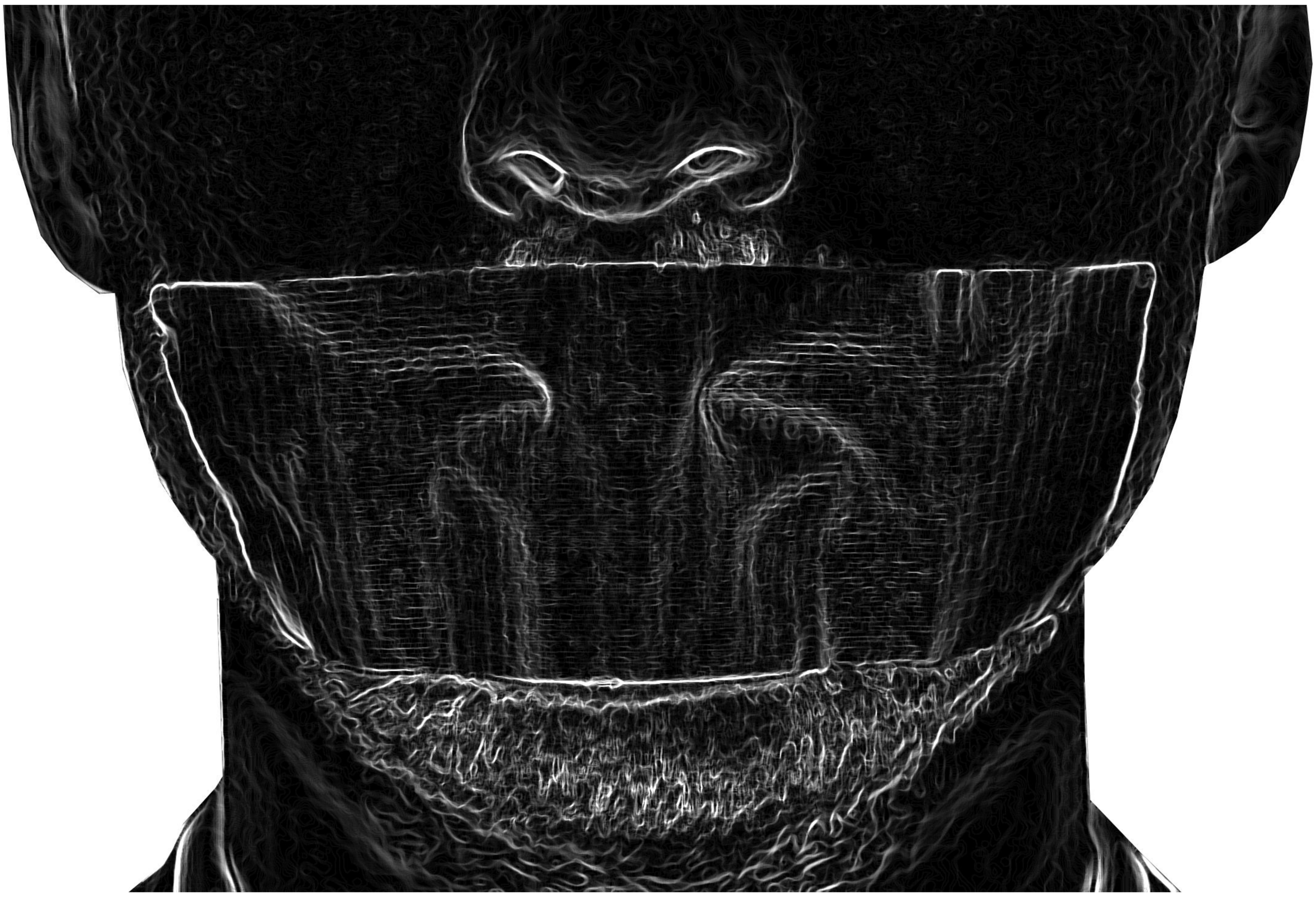
Então se a tua avó te deixou 11 ações, tu tens 11 votos. Se tu és um banco, provavelmente tens mais de 20 milhões de ações. Podes achar que és a mesma coisa que ele, mas entende que não és.

Se 1% das pessoas possuem a maior parte das ações, então 1% é quem decide todas essas eleições. As 12 ou 15 pessoas que estão no quadro dos diretores, fazem todas as decisões.

Não importa muito se adicionarmos mais 15 ou 20 no quadro de diretores, continua a ser na mesma um número ridiculamente pequeno de pessoas que fazem todas as grandes decisões de uma empresa.
Este quadro de diretores decide o que a empresa produz, como produz, etc.
E, finalmente, **decidem o que fazer com os lucros que todo este trabalho gera**.
Entretanto, existe um grande número de pessoas, quer seja 500, 1000, 10000, 100000, que são os empregados/trabalhadores dessa empresa. Todos eles, como é óbvio, têm que viver com as decisões que o quadro de diretores e os grandes acionistas tomam. Não só os empregados têm que viver com as consequências, como toda a comunidade, toda a sociedade.
Isto é uma maneira curiosa de realizar as decisões económicas fundamentais de uma sociedade. Porque o que isto quer dizer, quer as pessoas admitam isso ou não, é que um pequeno grupo de pessoas toma todas as grandes decisões e que todas as outras pessoas têm que viver com as consequências delas. E não é surpreendente que o grupo minúsculo que toma as decisões, tome decisões que os mantenha nesse lugar encantado de poder.

A massa de pessoas, a esmagadora maioria das pessoas no nosso sistema económico, vivem com as consequências das decisões realizadas pelos quadros de diretores e acionistas, decisões essas das quais as pessoas são excluídas, legalmente e na prática.
O que quer que se chame a este sistema, há algo que não pode ser chamado: democrático.

Nas comunidades onde vivemos, insistimos em haver voto, em participar nas decisões. Mas quando vamos trabalhar, num sistema capitalista, passamos da porta da empresa para dentro e aceitamos **deixar tudo isso para trás - o poder de voto. Nós não o exigimos, não o requeremos, não o temos.**
Não só o capitalismo, fruto da revolução francesa, não consegue trazer democracia, "liberdade, igualdade e fraternidade", como é um obstáculo fundamental para alguma vez conseguirmos alcançar isso.



Mas quando vamos trabalhar, num sistema capitalista, passamos da porta da empresa para dentro e aceitamos deixar tudo isso para trás:

O PODER DE VOTO

NÃO

o exigimos,
o requeremos,
o temos.

Ok, mas agora e uma solução, uh? Qual é a alternativa?

Se queremos uma sociedade verdadeiramente democrática, a democracia tem de se estender para além da esfera das eleições - tem de estar presente em todas as instituições – escolas, universidades, no TRABALHO.

É bastante provável que vais passar a maioria, se não a grande maioria, do teu tempo a trabalhar.
A questão que levantamos é: porque é que não existe democracia no trabalho?

Se somos realmente grandes fãs e apoiantes dos valores democráticos etc. etc., então porque é que simplesmente aceitamos que grande parte da nossa vida seja passada num local onde a democracia não existe?

Para existir uma sociedade mais democrática, mais justa, mais coesa é imprescindível eliminar esta divisão, entre governadores e governados, entre empregadores e empregados. Não deveriam existir estes dois grupos/categorias de pessoas. Se for assim, haverão sempre tensões devido a estes antagonismos e, acima de tudo, haverá sempre injustiça.

Certamente, que este não é o pico, o culminar da evolução da sociedade humana. Certamente, que podemos fazer melhor.

Bem, o nome diz tudo "**Democracia no trabalho**". Este não é um conceito novo, de todo, no entanto somos particularmente inspiradas pela abordagem do Professor Dr. Richard Wolff – economista.

Baseamos o nosso discurso no seu, pois acreditamos que a sua forma de o apresentar é a mais simples e elucidativa.

Democracia no trabalho pode traduzir-se, por exemplo, em unidades de produção que sejam *worker co-ops* - trabalho organizado de forma comunitária/cooperativa.
Um grupo de pessoas reúne-se e toma uma decisão - vamos produzir alguma coisa, um software, refeições, cortes de cabelos. O que for. E vamos fazê-lo da seguinte forma: vamos ser um coletivo. Vamos juntar-nos e decidirmos o que produzir, como produzir, quando produzir, tudo isso. E vamos debater e vamos tomar uma decisão usando o voto, através da maioria.

Humanos têm feito isto ao longo do tempo e continuam a fazê-lo. Isto porque os sistemas que existiram até agora, inevitavelmente, provocam as pessoas a serem críticas deles, por verem as suas falhas, e a encontrar, mais cedo ou mais tarde, uma alternativa melhor.

E tu? Gostarias de trabalhar numa empresa com a habitual hierarquia (cima-baixo), ou num local democrático?

Conclusão
Política e economia

Para terminar a nossa história:

A economia, (não estamos a falar da ciência, e sim do termo vulgar usado por toda a gente, especialmente os políticos, quando dizem que a economia está bem ou mal, se está a crescer ou decrescer, ou quando apelam à sua salvação) parece um conceito abstrato, porque é, realmente, tornado abstrato. Não existe economia num vácuo, ela é um conceito que depende daquilo a que se refere. É aplicado a algo, não existe por si própria. Por exemplo, para ser mais fácil perceber: a distância, é um conceito que depende também de um ponto de referência, para sabermos se está perto ou longe, temos que ter um ponto de referência. Para sabermos se a economia está "bem" ou "mal", ou a precisar de "salvação", temos que a contextualizar. Se a economia trata os fluxos de capital, temos que saber para onde eles estão a ir, **para quem, para o quê.** Se tu estiveres a andar, passares por mim e me perguntares se estás a ir bem, eu tenho que te perguntar: "mas para onde é que estás a ir?", para te dar realmente uma resposta. O mesmo se aplica à economia, para vermos se ela está boa, num bom caminho, temos de perguntar - qual é o destino? Então, a economia está ao serviço de quem?

A economia está a crescer, mas isso significa que agora todos têm mais? Ou que alguns têm mais e outros estão na mesma, ou pior?

Para nós, a referência deveria ser sempre medida relativamente à qualidade de vida da população. O que é que tu achas?

A economia não é algo longe de ti, como já referimos. Nem a política. Tudo tem por base a forma como são geridos todos os recursos e meios que temos no planeta. Tudo tem por base as formas de produção de tudo aquilo que necessitamos e desejamos.

No capitalismo as unidades de produção são empresas. Empresas têm como objetivo primário a obtenção de lucro. O modelo capitalista que tem por base empresas e mercado, faz com que necessariamente as decisões sobre o que é produzido, como é produzido e o que fazer

com o que é produzido fique nas mãos dos donos das empresas, em vez de ficar nas mãos da sociedade. Um sistema melhor seria: a sociedade decidir de forma comunitária, o que produzir, como produzir, o que fazer com o que é produzido e fazer essa distribuição. Este sistema novo, em vez de procurar obtenção de lucro, iria procurar satisfazer as necessidades humanas reais e de atendimento necessário.

Vamos dar um exemplo super concreto. Há pessoas à fome, mas não somos capazes de acabar com isso? Porque não? Não somos nós, população, que temos acesso aos recursos nem à decisão de como os distribuir.

Outro exemplo bastante fácil: alterações climáticas. Um problema urgente e cada vez mais falado. Mas se a maioria das pessoas acha isto, porque é que é tão difícil de combater? Porque não somos nós que decidimos o que é produzido nem como é produzido.

A nossa alternativa? **Democracia. Democracia. Democracia.**

Então, já percebes porque é que dissemos que democracia pode ser um conceito controverso?

Um modo cooperativo de organização também se traduz numa implicação óbvia: quando todos trabalhamos mais, todos ganhamos mais (haverá melhor incentivo?). O que é algo que não acontece neste sistema, em que, quando trabalhamos mais, não somos nós que ganhamos mais.

Um modo cooperativo de organização também significa que o trabalho ganha mais sentido: trabalhamos para a comunidade, vemos o reflexo e o impacto positivo na própria comunidade, estamos a contribuir diretamente para que toda a gente fique melhor, incluindo nós próprios.

Sempre nos dizem que somos capazes de mudar o mundo para melhor.
Nós queremos mudar o mundo, radicalmente, para que,
com a total democracia, seja sempre mais fácil mudá-lo para melhor,
para que possamos sempre, todos juntos, decidir sobre ele.

DICA: ouve esta belíssima canção, garantimos que vais acordar amanhã
a cantar o refrão.

Liberdade

Viemos com o peso do passado e da semente
Esperar tantos anos torna tudo mais urgente
e a sede de uma espera só se estanca na torrente
e a sede de uma espera só se estanca na torrente

Vivemos tantos anos a falar pela calada
Só se pode querer tudo quando não se teve nada
Só quer a vida cheia quem teve a vida parada
Só quer a vida cheia quem teve a vida parada

Só há liberdade a sério quando houver
A paz, o pão
habitação
saúde, educação
Só há liberdade a sério quando houver
Liberdade de mudar e decidir
quando pertencer ao povo o que o povo produzir
quando pertencer ao povo o que o povo produzir

Liberdade (1974)
Letra e interpretação: Sérgio Godinho

IV.

Recomendações

Deixamos aqui algumas recomendações de coisas que achamos pertinentes e interessantes para expandires e aprofundares o teu conhecimento sobre os diferentes tópicos que abordamos nesta revista. Podes sempre ter acesso a todas as recomendações, de todas as revistas, através do website na secção ***"RECOMENDAÇÕES"*** - lá estão organizadas segundo temas - muito fácil de encontrar.

Richard Wolff: canal Youtube *Democracy At Work* em que ele participa.

O Professor Wolff é um economista americano, como ele diz "com o pedigree" (ele estudou em Yale, Stanford e Harvard) certo para ser ouvido. No canal do youtube, ele aborda temas da atualidade, explicando sempre de forma muito simples.

Recomendamos também o seu livro *Democracy At Work: a cure for capitalism*.

Foto retirada de :
https://www.theguardian.com/profile/richard-wolff

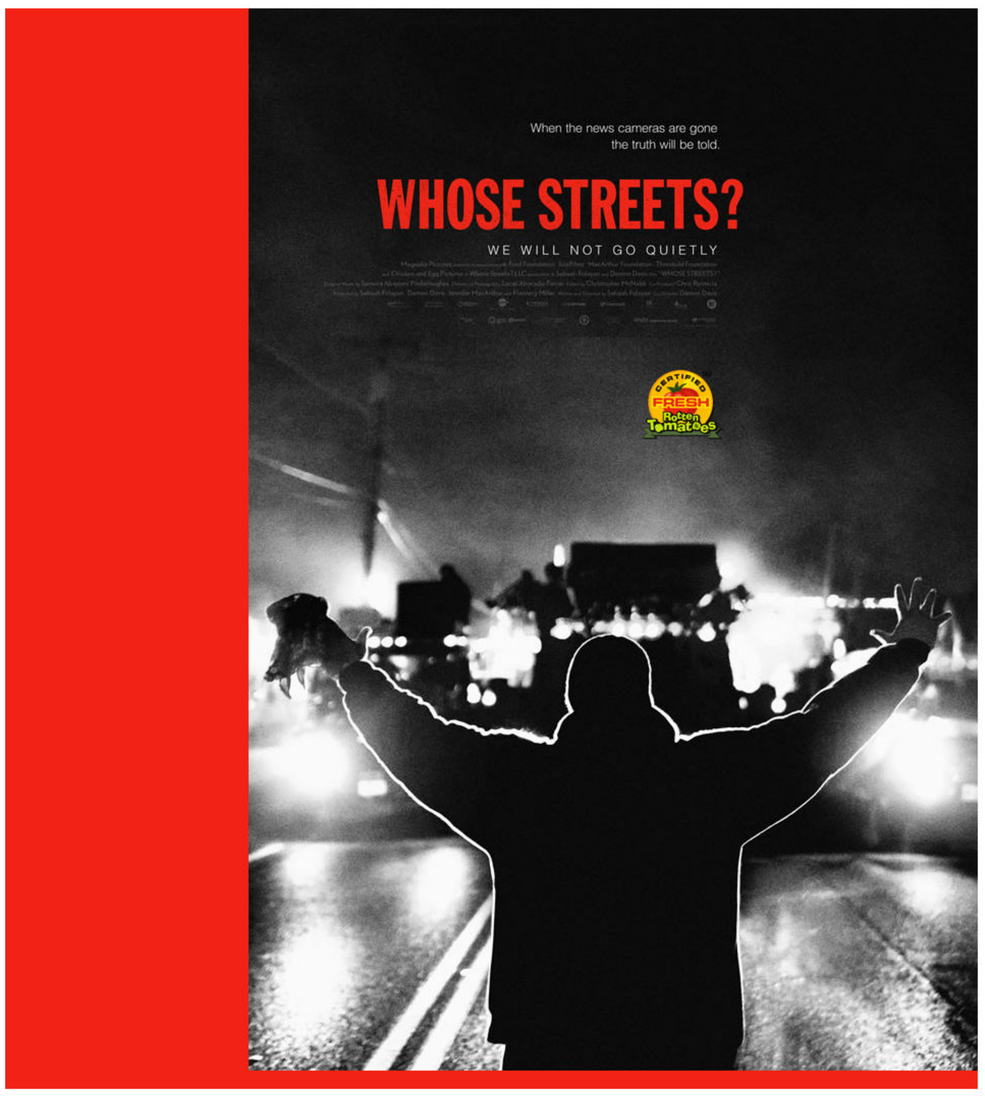


Foto retirada de :
https://www.whosestreetsfilm.com/

Whose streets: documentário sobre ativismo de base relativo ao atual movimento *Black Lives Matter* - mostra bem aquilo que falámos de mobilização, de ir para as ruas protestar e fazer reivindicações.

Achamos este documentário bastante relevante e atual, onde destacamos (não querendo dar *spoiler*), sobretudo, a explicação de uma jovem ativista sobre o que constitui, de facto, "violência" (ou demonstrações violentas).

Obrigado por leres o número 00 da revista RAD.

O numero 01 será lançado no dia 8 de Julho onde abordaremos um tema que certamente agradará a toda a gente - comida!

A RAD não é só nossa, é de todos, para fazeres parte dela basta enviares as tuas contribuições, os teus comentários, sugestões para o nosso email X ou através deste formulário. Faz-te ouvir, participa, questiona(-te/nos), comenta, interage connosco e com os outros leitores.

Este pode ser um ponto de encontro entre pessoas que queiram organizar-se e começar algo em conjunto, para isso, faz uso da nossa funcionalidade de enviar cartões de visita, na zona dos comentários.

Para não perderes nenhum número da RAD subscreve a nossa newsletter aqui

rad.web.ua.pt

RAD